

“Este Centro, muito mais que levar a cabo a tradicional tarefa de divulgar a cultura portuguesa, deverá ser um polo de encontro de duas culturas.”

António Pinto da França
Fundador do CCP Bissau

CONTEÚDOS

01.	NOTA DO AUTOR	4
02.	INTRODUÇÃO	6
	CRONOLOGIA 1970 - 1979	11
03.	O PAI DO CCP EM BISSAU	12
	ANTÓNIO PINTO DA FRANÇA	
	CRONOLOGIA 1980 - 1989	17
04.	A DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA	18
	MÁRIO MATOS E LEMOS	
	Luísa Solla	
	Tony Tcheka	
	Inês Davyes Queirós	
	Clara Saraiva	
	CRONOLOGIA 1990 - 1999	26
05.	GUINÉ-BISSAU: A CEREJA NO TOPO DO BOLO	27
	DANIEL PERDIGÃO	
	Odete Semedo	
	Cristina Branco	
	Flora Gomes	
	Carbar	
	CRONOLOGIA 2000 - 2009	35
06.	A CULTURA É UMA PONTE	36
	LUÍS MACHADO	
	Atcho Express	
	Silvestre Fonseca	

Álvaro Lobato Faria
Karyna Gomes
Abdulai Sila
Natália Falé

CRONOLOGIA 2010 - 2019	46
07. COOPERAÇÃO E CULTURA INSEPARÁVEIS	47
GUILHERME ZEVERINO Mariana Martins Conceição Carvalho Fernando Antunes Artur Silva José Luís Peixoto	
08. DIGNIFICAR A CULTURA LOCAL	56
FÁBIO SOUSA Banuma Pinto Fernando e Manuel Júlio Spencer Embaló Miguel de Barros	
09. COMPROMISSO COM A CULTURA SEMPRE	64
ANTÓNIO NUNES Catarina Müller Catarina Furtado Jery Bidan Pedro Ramos Associação Ser Mudança	
CRONOLOGIA 2020 -	74
10. CCP: UM CORAÇÃO PULSANTE AO RITMO DE DUAS CULTURAS	75
PAULA MATOS DA COSTA Nino Galissa & Ana Maria Pinto Nelinho N'Tanhá João Cornélio Marisa Liz Welket Bungué	
EPÍLOGO	85

01.

NOTA DE AUTOR

O trabalho que tem nas mãos nasce da vontade e da missão da Ser Mudança em contribuir para a preservação e partilha da memória viva do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, uma instituição que, desde 1979, tem sido palco de diálogo, criação e encontro entre culturas. A sua formalização como Instituto Camões - Centro Cultural Português, através de despacho no Diário da República, em 1995, é o mote para um olhar mais profundo sobre os rostos, eventos e momentos históricos que marcaram o CCP em Bissau ao longo dos anos, mas sobretudo nestas últimas três décadas.

“Ponte Entre Culturas - Memórias e Futuro do Centro Cultural Português na Guiné-Bissau” resulta de uma investigação de livros publicados, registos institucionais e, sobretudo, conversas com dirigentes, colaboradores e parceiros do CCP ao longo dos tempos. Estas vozes, entrelaçadas com alguns dos momentos históricos e culturais mais marcantes, dão corpo a um testemunho coletivo sobre o papel do CCP enquanto espaço de resistência cultural, dinamização artística e cooperação luso-guineense. A partir de conversas com os vários dirigentes do CCP, recheadas de episódios, desafios e perseverança, conseguimos identificar personalidades portuguesas e guineenses, que contribuíram para a missão do Centro e que nos relatam, na primeira pessoa, as memórias ainda vivas. Muitas mais personalidades foram identificadas, muitas mais memórias foram avivadas, mas regem-nos os limites físicos da obra e do tempo que, em investigação, é sempre pouco.

Sem ousar adquirir estatuto de livro, este trabalho procura não apenas evocar o passado, mas refletir sobre o presente e os caminhos futuros do CCP e o papel de cada um de nós enquanto “ponto de cultura”. Mais do que um arquivo de memórias, este livro é um convite à continuidade do compromisso com a promoção da língua portuguesa, da diversidade cultural e da construção de uma ponte que une duas culturas, que jamais poderão ser separadas.

A todos os que contribuíram com as suas histórias, visões e experiências, em especial ao José Luis Peixoto, pelo texto inédito com que nos presenteia neste livro, um sincero agradecimento por nos ajudarem a reconstruir as memórias desta ponte entre duas culturas unidas para sempre.

Roger Mor

02.

INTRODUÇÃO



Abrir um livro da direita para a esquerda, tal como este, virando-o para trás para o poder ler, é mais do que desafiar um costume de leitura. Nesse gesto cumpre-se um ritual de retorno. Procurar o início no fim e, concomitantemente, voltar às raízes, onde as histórias nascem do eco de palavras e memórias que ainda não foram esquecidas, e que urge reencontrar no presente, para continuar a lembrá-las no futuro.

É precisamente esse o objetivo desta publicação, que congrega testemunhos de quem viveu e participou nas várias fases do trabalho do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, instituição que se tornou, ao longo dos últimos trinta anos, um verdadeiro referencial na promoção da cultura, do conhecimento e da amizade entre dois povos irmãos.

Não se trata de reescrever ou reinterpretar o passado, nem tão pouco de um exercício exaustivo de exegese explicativa ou de arqueologia documental. Quisemos apenas trazer à luz recordações e visões subjetivas de alguns dos que trilham o caminho percorrido pelo CCP, sob diversas facetas e em diferentes capacidades. Estes depoimentos permitem-nos conhecer nas entrelinhas o muito que se passou e se conseguiu alcançar ao longo das últimas três décadas, tantas vezes com dificuldade, mas sempre com empenho e dedicação. É certo que permanecem aspirações por cumprir, mas aquilo que foi possível fazer não deixa por isso de ser menos ambicioso, menos abrangente ou menos impactante.

O CCP não é apenas um conjunto de estruturas físicas, com paredes

que acolhem exposições, com uma biblioteca onde se folheiam livros e se divulga conhecimento, com uma sala de leitura que alimenta mentes e sonhos, ou palcos que dão voz à criatividade, à reflexão, ao diálogo e à criação conjunta, com inclusividade. É, acima de tudo, um local onde se cultiva o pensamento crítico, onde se reconhece e valoriza o património comum, e onde se sonham novos futuros de cooperação e de crescimento mútuo. Um ponto de encontro de almas e saberes, que oferece um contexto natural para que o intercâmbio cultural floresça, para que tradições e visões se cruzem e para que se construam e reforcem pontes duradouras entre Portugal e a Guiné-Bissau.

Afirmou-se como um lugar com um estatuto singular, que não contém nem entra em competição com outras entidades congéneres. Durante mais de uma década, aliás, antes de outros aparecerem depois na sua senda, o CCP foi único equipamento público na Guiné-Bissau centrado na promoção da cultura e da língua segundo princípios da interculturalidade e abrangência. Nunca perdeu o ímpeto de continuar a modernizar-se, tirando partido de novas oportunidades. Prova disso é o renovado “Espaço Camões”, ao ar livre, parte integrante do CCP, que surge como uma aposta estratégica para acolher eventos de maior dimensão, ampliando a capacidade de alcance junto do público. Com esta nova valência, pretende-se não só alargar a sua oferta cultural, mas também chegar a mais e novos espectadores e artistas, promovendo uma programação ainda mais inclusiva, dinâmica e abrangente.

Sob qualquer perspetiva, o papel do Centro na promoção da cultura, da música e da educação, na Guiné-Bissau, tem sido notável. O acolhimento no CCP da Escola Nacional de Música José Carlos Schwarz é um dos exemplos mais carregados de simbolismo dessa missão. Aberto a todos — ao público, a artistas, a criadores e pensadores de todas as nacionalidades e disciplinas —, e de acesso gratuito, é um espaço de liberdade e de partilha. No CCP, a arte não tem fronteiras e a diversidade é celebrada como uma riqueza essencial. A cada atividade, a cada exposição, a cada sessão formativa, o Centro reforça a ideia de que a cultura é um direito, um bem comum, um caminho para a emancipação e para a construção de uma cidadania plena.

Dentro da linha de continuidade desta prática e do respeito por estes valores, os diferentes Diretores – de iure e de facto – do CCP

trouxeram matizes próprios e perspectivas complementares. Fizeram-no cumprindo, ao mesmo tempo, as diretrizes definidas no âmbito da ação cultural externa de Portugal, através de um plano de atividades anual, com uma programação tão variada quanto possível. A dinamização de projetos de intercâmbio cultural, a partilha de ideias e recursos entre criadores guineenses e lusófonos e a valorização da identidade cultural (e nacional) guineense e da CPLP nunca deixaram de ser o fio condutor e o cerne essencial do trabalho do CCP, plenamente integrado na ação da Embaixada de Portugal em Bissau e na dinamização do relacionamento bilateral entre Portugal e a Guiné-Bissau, espelhando de forma exemplar os valores da lusofonia, da solidariedade e do respeito mútuo.

Este livro assume, por isso, o propósito maior de prestar a merecida homenagem a todos quantos contribuíram e continuam a contribuir para esta obra coletiva: artistas, professores, alunos, gestores culturais, parceiros institucionais, e tantos cidadãos anónimos que, com o seu talento e dedicação, ajudaram a construir este espaço de esperança. Este olhar não é uma abordagem passadista, mas sim de esperança, em que celebramos igualmente um futuro de novas oportunidades, de novos caminhos de ação, de renovadas dinâmicas de cooperação cultural.

Neste tempo em que o mundo precisa tanto de pontes e onde se impõe construir raízes sólidas de entendimento, o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau é um exemplo vivo do que se pode alcançar quando há vontade de escutar, de partilhar e de construir em conjunto.

Miguel Silvestre
Embaixador de Portugal em Bissau



Registrar aqui a ação do Centro Cultural Português em Bissau e como contribuiu para percursos de muitos profissionais da cultura e outros cidadãos guineenses é uma alegria pessoal, uma oportunidade para rever realizações, desafios e também para compulsar a ação deste Camões, I.P., que juntou a ação cultural externa

e a cooperação para o desenvolvimento, sob a mesma direção.

Os Centros Culturais são espaços de cooperação e diplomacia cultural, estimulando intercâmbios artísticos, literários e educacionais. Nessa missão ampla há mais oportunidades para valorizar ativos culturais que favorecem pertenças significativas, a coesão social e o desenvolvimento sustentável. Por causa desta missão, confluem no Camões, I.P. possibilidades de intercâmbio entre mundividências e de ação para o fortalecimento de instituições, por exemplo, através das expressões artísticas que estendem o espaço cívico, plural e de liberdade; nas experiências estéticas que podem tornar-se éticas, cívicas e mediar transformações sociais; nas lideranças culturais que podem negociar tradições onde estas devam permitir direitos humanos, possibilidades que são todas incrementais de sociedades inclusivas.

Por estas razões, adquirimos um entendimento da cultura como facilitador de cidadania e desenvolvimento, onde contribuem a difusão de representações inclusivas e o reforço de oportunidades socioeconómicas. Por exemplo, os cidadãos que participam em atividades culturais tendem a participar mais no espaço cívico e a contribuir para a qualidade da democracia. Existem evidências também de correlações positivas entre o número de empregos no setor cultural e indicadores de inclusão e inovação social.

Na política de cooperação para o desenvolvimento, temos integrado novos instrumentos de financiamento à criação artística e mobilidade de profissionais da cultura, ao empreendedorismo e às parcerias de difusão de bens e serviços criados na grande região cultural dos povos que partilham a língua portuguesa. Por outro lado, já tínhamos adotado os princípios da diversidade cultural, do diálogo intercultural e da aprendizagem mútua na política de ação cultural. Os Centros Culturais Portugueses nos países parceiros estão a ligar e a concretizar

estas políticas, a contribuir também, – apoiados nas missões diplomáticas – com dimensões complementares da política externa.

Os testemunhos aqui reunidos sugerem-me que o Centro Cultural Português em Bissau, quando acolheu artes visuais, teatro experimental e performativo, oficinas de criação literária ou promoveu conferências e debates, entre muitas outras disciplinas e atividades, integrou um juízo sobre as condições de desenvolvimento, naquele momento, e quase sempre um eixo programático consequente com restrições e oportunidades. Contribuiu para manter uma sociedade civil plural e coesa em torno das suas identidades.

Parte da missão dos Centros Culturais Portugueses é também apoiar a literacia e outras condições de intercâmbio entre identidades culturais. Sem que ocorra uma razoável simetria nas condições de receção, são prejudicadas as possibilidades de aprendizagem mútua ou de densificação contemporânea a partir dos objetos artísticos e culturais que chegam do país parceiro. Essa preocupação sistemática de atenuar assimetrias ou perceções de assimetria no diálogo intercultural explica por que razão a programação, nos 30 anos deste Centro Cultural foi maioritariamente guineense, sem deixar de promover ou dar a conhecer autores e criadores portugueses, potenciando igualmente as interações cruzadas.

Pela oportunidade de refletir sobre este tempo, sobre o que pudemos fazer e o que poderíamos melhorar – sendo evidentes as insuficiências da infraestrutura para o nível de interconexão e de ambição que merecem as relações entre os dois povos –, deixo o meu agradecimento a todos os que contribuíram para que este Centro Cultural de Bissau fosse palco de múltiplas expressões e aspirações.

Desejo agradecer, sobretudo, aos guineenses, aqui representados nos parceiros que testemunharam e à oportuna iniciativa do Embaixador Miguel Silvestre e da Adida para a Cooperação Paula Matos da Costa, sem esquecer a “Ser Mudança”, pelo trabalho desenvolvido para esta publicação.

Florbelá Paraíba

Presidente do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

1970

PEDRO JOSÉ RIBEIRO MENEZES
REPRESENTA PORTUGAL NA
GUINÉ-BISSAU, NUMA MISSÃO
EXTRAORDINÁRIA DE
SERVIÇO PÚBLICO.

**JOÃO DE SÁ COUTINHO REBELO
SOTTO MAIOR** ASSUME O CARGO
DE EMBAIXADOR DE PORTUGAL
EM BISSAU.

1974

PEDRO JOSÉ RIBEIRO MENEZES
PASSA A ENCARREGADO DE
NEGÓCIOS INTERINO, DA
EMBAIXADA DE PORTUGAL
EM BISSAU.

A 24 DE SETEMBRO, PORTUGAL
RECONHECE A INDEPENDÊNCIA DA
GUINÉ-BISSAU. PAIGC ASSUME O
PODER. LUÍS CABRAL TORNA-SE O
PRIMEIRO PRESIDENTE.

1977

JOÃO CLARA QUINTELA PAIXÃO
ASSUME O CARGO DE ENCARRE-
GADO DE NEGÓCIOS INTERINO,
NA EMBAIXADA DE PORTUGAL
EM BISSAU.

**ANTÓNIO D'OLIVEIRA PINTO DA
FRANÇA** ASSUME O CARGO DE
EMBAIXADOR DE PORTUGAL
EM BISSAU.

1979

03.

O PAI DO CCP EM BISSAU

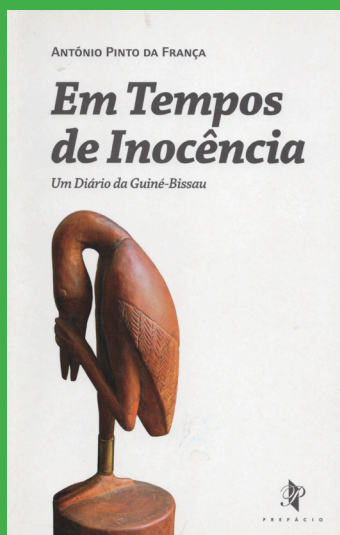


ANTÓNIO PINTO DA FRANÇA

EMBAIXADOR DE PORTUGAL NA GUINÉ-BISSAU 1977 - 1980

“Hoje, não tem papel higiénico, mas tem, por uma pechincha, uma travessa de prata alemã, miragem impossível em Lisboa. Ontem não tem pasta de dentes, mas está ali a Enciclopédia do Humor português esgotado em Portugal. Anteontem, não tem cola, mas encontra-se por acaso um motor para a central da Embaixada que, há semanas, se pede inutilmente ao Ministério, ou um álbum para fotografias que há meses aguardo ansioso de Nova Iorque... Nas lojas, paira no ar, não sei porquê, um cheiro asiático a especiarias. As mercas saem poeirentas de recantos insuspeitos e assalta-me a sensação de um mundo escondido inacessível e uma saudade como daquelas coisas que se finam e não voltarão jamais”.

As palavras são de António Pinto da França, segundo Embaixador de Portugal na Guiné-Bissau, e estão registadas no seu livro, editado em 2006, “*Em Tempos de Inocência – Um diário da Guiné-Bissau*”. Além de imperdíveis retratos do dia-a-dia na jovem nação, é aqui que descobrimos o orgulho de Pinto da França como fundador do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau.



“Só o Zé Jaime Ribeiro da Silva e o Raposo Costa partilham inteiramente comigo as emoções do parto do Centro Cultural. Por isso me deixaram logo à porta do aeroporto, para irem adiante, emboscarem-se junto às obras e gozar a minha surpresa ao vê-las tão adiantadas em tão pouco tempo. Foi um gesto revelador do que nos une em torno da criação do Centro. Vindo do aeroporto, cheguei à porta da residência e entrei em casa para guardar as malas e falar ao pessoal, sem virar a cabeça para o lado das obras. Queria lá ir logo, logo, mas caminhando de mansinho, livre de toda a distração, para saborear tudo muito devagarinho. Tratava-se, afinal, da gestação dum filho dilecto. Tanto sonhara com ele, tanto o desejava, tão arduamente me vinha batendo por ele! Deixara tudo, há três semanas, nas fundações, e agora o esqueleto levantado dos edifícios produziu em mim como que uma violenta descarga de emoções. Era já qualquer coisa de real. Aleluia! Eu tinha conseguido. O Centro Cultural de Bissau já saíra da minha cabeça e do meu coração, existia independente de mim.”

Corria o ano de 1979. O Presidente Português António Ramalho Eanes, durante a sua visita de Estado à Guiné-Bissau, de 20 a 25 de fevereiro desse ano, assinou acordos de cooperação em diversas áreas, incluindo a cultural e

cumpriu o sonho do Embaixador Pinto da França.

“Para mim, o momento mais marcante desta visita foi a inauguração do Centro Cultural, objectivo que determinara como prioritário nesta minha Missão.

Pois, como era possível não existir ainda um Centro Cultural, instrumento primordial para marcar e aprofundar a nossa presença na Guiné? O Luís Cabral acompanhou o Eanes à cerimónia. Aproveitei para recordar o apoio dele recebido nesta minha empreitada, implementada mais com a boa vontade de terceiros do que com o auxílio do Estado português. Lembrei aquela manhã em que, desesperado, fora procurar o Presidente Cabral, último recurso para obter a madeira que

nos faltava para terminar a obra. Não só deu ordens imediatas para que me fosse fornecida toda a madeira necessária, como a ofereceu a título de ajuda guineense. Sublinhei a minha particular concepção dum Centro Cultural português num País onde se fala a nossa língua, onde se perpetuam um sem número de vivências comuns. Sendo assim, este Centro, muito mais que levar a cabo a tradicional tarefa de divulgar a cultura portuguesa, deverá ser um polo de encontro de duas culturas.”



Aulas de português no CCP Bissau (Arquivo CCP)

Apenas quatro meses depois, em junho de 79, Pinto da França orgulhosamente registava: *“O Centro Cultural está a funcionar em pleno. Os cursos de português estão a decorrer na sua capacidade máxima, sob a égide das manas Leirias. Organizou-se, também, um curso de protocolo a pedido deste Ministério dos Estrangeiros, que nele inscreveu a grande maioria dos seus funcionários. Para ministrar estas aulas veio de Lisboa o Miguel Sanches de Baena.”*



Biblioteca CCP Bissau (Arquivo CCP)

Sobre o seu adido Jaime Raposo Costa, que viria a ficar como primeiro diretor do Centro, Pinto da França escreveu: *“tem sido uma ajuda inestimável. Apesar da sua aparente severidade, rigor e exigência, vem demonstrando, com a enorme humanidade que esconde dos outros, a maior maleabilidade em adaptar a acção do Centro às condições locais, sem sombra de pedantismo intelectual. Aceita e apoia-me nesta convicção de que não devemos estar à espera de meios de Lisboa, mas sim trabalhar com a prata da casa, fazendo apelo à nossa imaginação e indo ao encontro da juventude de Bissau. Dispomos dos dez mil volumes que a Gulbenkian ofereceu e a sala de leitura está sempre lotada. Esbarramos, porém, com grande dificuldade em interessar os guineenses pela leitura em geral. Procuram quase só obras sobre o colonialismo, escritores africanos, particularmente os poetas. É notório o apetite por jornais, sobretudo pela imprensa desportiva, que também lhes proporcionamos. Para rodear esta dificuldade, temos recorrido a concursos literários, trabalhos sobre dados escritores, usando como isco chorudos prémios pecuniários, em termos locais já se vê.”*

JOÃO MANUEL GUERRA SALGUEIRO ASSUME O CARGO DE ENCARREGADO DE NEGÓCIOS INTERINO, NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU.

1980

LUÍS NUNO DA VEIGA DE MENEZES CORDEIRO ASSUME O CARGO DE EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM BISSAU.

GOLPE DE ESTADO: NINO VIEIRA DERRUBA LUÍS CABRAL.

1981

DE 1981 A 1984 O CCP NÃO TEVE DIRETOR.

MANUEL BARREIROS MARTINS ASSUME O CARGO DE EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM BISSAU.

1984

1985

MÁRIO MATOS E LEMOS ASSUME AS FUNÇÕES DE ADIDO CULTURAL, NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU.

1989

04.

A DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA



2021 © AMOP/CC by Paulo Barbosa

MÁRIO MATOS E LEMOS

**CONSELHEIRO CULTURAL
E DIRETOR DO CCP
1985 - 1998**

“Quando cheguei em Outubro de 1985 encontrei uma biblioteca muito abandonada, com três ou quatro dicionários”, recorda Mário Matos e Lemos, atualmente com 92 anos. Mas era uma realidade conhecida. Na sua obra *“Política Cultural Portuguesa em África: o caso da Guiné-Bissau (1985-1998)”*, Matos Lemos explica o contexto que levou a esta situação. *“Em 1984... Era Ministro dos Negócios Estrangeiros Jaime Gama e Secretário de Estado da Cooperação Eduardo Âmbar. Ambos queriam resolver uma situação que já o anterior Secretário de Estado da Cooperação, Gaspar da Silva, denunciara: na Guiné-Bissau, o Centro Cultural estava abandonado aos ratos e às baratas. Passado o exagero, a verdade é que desde Fevereiro de 1981 que o Centro não tinha director, pois o Dr. Jaime Raposo Costa, Adido Cultural da Embaixada e primeiro director do Centro, fora transferido nessa data para Brasília e ninguém ocupara o seu lugar.”*

Manuel Barreiros Martins, Embaixador na Guiné-Bissau desde 1984 e amigo de Matos e Lemos, com quem trabalhara 5 anos em Madrid, aliciou-o com a tarefa de dirigir o CCP de Bissau. Embora a sua categoria no quadro do Ministério dos Negócios Estrangeiros fosse a de Conselheiro de Imprensa, foi decidido que deveria ser acreditado localmente como Conselheiro Cultural, *“para que não se pensasse — e eventualmente se dissesse — que o Estado português tão pouco ligava ao seu Centro Cultural — então adstrito à Embaixada Portuguesa e dependente da Direcção-Geral de Cooperação em termos orçamentais — que até nomeava para dirigi-lo um Conselheiro de Imprensa.”*, regista Matos e Lemos na sua obra. É assim que aceita o desafio de ser Conselheiro Cultural na Embaixada de

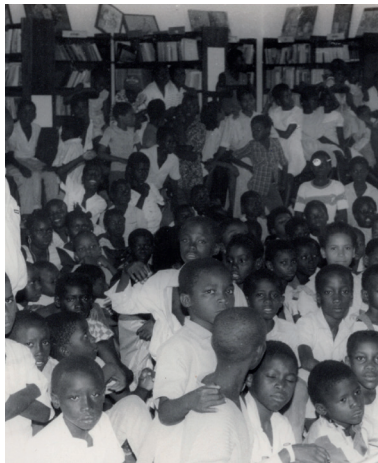
Portugal em Bissau e diretor do CCP, posteriormente integrado no Instituto Camões. Entre as recordações, relata a existência de 4000 leitores, muitos deles com especial apetência para a imprensa desportiva vinda de Lisboa, e a dedicação de uma única professora de Língua Portuguesa, Bernardina de Oliveira, que além das 22 horas semanais de aulas, a mais de uma centena de alunos, ainda dava apoio à abandonada biblioteca, com os seus cerca de 5.000 volumes, em grande parte inadequados para aquele público. Um cenário que viria a mudar rapidamente.



Aulas de português no CCP Bissau (Arquivo CCP)

Passado algum tempo, Matos e Lemos conseguiu que as aulas de português fossem diárias, entre as oito da manhã e as nove da noite, com muitos mais professores, graças ao apoio da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), que apoiava financeiramente o projeto. A liderança de Matos e Lemos viria a ficar marcada por ter tornado o CCP num polo ativo de difusão da língua e cultura portuguesas, promovendo eventos culturais, exposições, debates e iniciativas de formação, sobretudo de professores guineenses. Estratégias que viriam a contribuir para uma mudança de cenário cultural que Matos e Lemos descreve no seu livro. *“O intelectual não gozava, portanto de grande consideração social, o que o impedia de se assumir como tal; consequentemente, não proliferava. Os escritores — quase todos poetas — escreviam para a gaveta (mas escreviam pouquinho) e os pintores nem nas paredes podiam pintar, pois além de lhes faltar tela, não tinham*

tintas nem pincéis. Os professores, esses, não gozavam de qualquer estatuto social privilegiado, eram mal pagos e pior considerados”.



Espetáculo no CCP Bissau (Arquivo CCP)

Um dos momentos históricos neste período é o despacho conjunto dos Ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças, em 1995, que cria oficialmente o Instituto Camões - Centro Cultural Português em Bissau. Até 1998, Matos e Lemos levou a cabo uma intensa estratégia de promoção do ensino do Português e divulgação cultural, promovendo iniciativas muito diversificadas - organização de cursos e seminários, realização de conferências, serviço de leitura, apoio à realização da Feira do Livro de Bissau, entre outras. Matos e Lemos deixa Bissau poucos dias antes de estourar o conflito de 98, que fez cessar as atividades do CCP, tanto mais que houve necessidade de albergar, nas suas instalações, um grande número de refugiados.

Sexta-feira, 7 de Julho de 1995

Número 155/95

II
S É R I E



Desp. conj. A-27/95-XII. — Ao abrigo do disposto no art. 17.º, n.º 2, do Dec.-Lei 52/95, de 20-3, determinamos:

1 — É criado um Centro Cultural Português em Bissau, que adotará a designação Instituto Camões — Centro Cultural Português.

2 — O Centro Cultural Português tem a natureza de núcleo cultural da Embaixada de Portugal e será dotado de autonomia administrativa, cabendo-lhe o exercício das competências previstas no art. 18.º do Dec.-Lei 52/95, de 20-3.

O Ministro das Finanças, *Eduardo de Almeida Catroga*. — O Ministro dos Negócios Estrangeiros, *José Manuel Durão Barroso*.

Hoje, com o distanciamento do tempo, Luísa Solla olha para trás com nostalgia, mas também com orgulho. *“Só há nostalgia quando há boas memórias”*, afirma, lembrando os frutos do projeto para a Guiné-Bissau. Entre as muitas memórias afetivas, destaca uma em especial: *“O primeiro computador que Matos e Lemos teve no Centro Cultural foi oferecido pela minha escola, pela ESE de Setúbal”*. Um gesto simbólico que reforça o espírito de partilha e solidariedade que marcou toda esta experiência. Em 1991, a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal iniciou um projeto de grande alcance na Guiné-Bissau, centrado na produção de manuais escolares em língua portuguesa da 1.ª à 6.ª classe, como se dizia na altura. Este projeto, coordenado em estreita articulação com o então Instituto Camões e com Ministério da Educação guineense, teve como rosto visível a professora Luísa Solla, que recorda ainda hoje os anos de intensa dedicação ao trabalho. *“Fomos construindo de forma experimental em fascículos os materiais para as seis classes... e depois, no final do ano letivo, recolhíamos isso tudo, melhorávamos”*, conta, sublinhando o caráter dinâmico e colaborativo do processo.

O trabalho decorreu em duas fases: entre 1991 e 1994, centrou-se na coordenação do Projeto Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa no Ensino Básico da Guiné-Bissau; entre 1994 e 1995, passou para a formação de professores, de todas as disciplinas, com o intuito de garantir a sustentabilidade ao projeto.

O português é a língua oficial da Guiné-Bissau, mas nas escolas, muito poucos eram os professores e os alunos que falavam português. Recorda que na altura havia na sociedade guineense, uma grande discussão, se o ensino devia ser ou não em crioulo. Mas muitos pais opunham-se, já que isso poderia vir a representar uma falta de competências linguísticas para quem queria estudar no exterior.

Um dos pilares essenciais da sua concretização foi o apoio logístico e humano do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, então dirigido por Matos e Lemos, cuja atuação, Solla considera *“fora do comum”*. O projeto culminou na conquista do Prémio Expo Língua, em 1996, o que permitiu a publicação formal dos manuais.

O impacto deste trabalho ultrapassou em muito o tempo e o espaço em que foi concebido. Em 2023, Solla viria a descobrir, através de uma tese de mestrado de um estudante guineense, apresentada numa universidade brasileira, que os manuais da 5.ª e 6.ª classe continuavam a ser editados e utilizados. Os manuais da 1.ª à 4.ª classe não tiveram a mesma sorte. Refletindo sobre o cenário linguístico da Guiné-Bissau, reconhece o enorme desafio que um sistema educativo em português enfrenta num contexto multilingue.



Tony Tcheka é uma das figuras centrais no processo de consolidação da literatura guineense no período pós-independência. Poeta, jornalista e dinamizador cultural, esteve na linha da frente da criação de instituições fundamentais para o desenvolvimento da literatura. Foi um dos fundadores da Associação de Escritores da Guiné-Bissau (AEGUI), da União de Artistas e Escritores da Guiné-Bissau (UNAE), e presidiu à Associação de Jornalistas da Guiné-Bissau (AJGB). Tcheka e os seus pares entenderam que era preciso criar espaços para a expressão literária, estabelecer pontes com o exterior e sensibilizar o, então novo, poder político para a importância da cultura na construção da identidade nacional. Foi neste contexto que Tony Tcheka estabeleceu importantes relações com parceiros internacionais, entre os quais se destacou o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, dirigido na altura por Mário Matos e Lemos. *“Foi ótimo. Abriram-nos as portas e, de certa forma, funcionaram como conselheiros. O apoio do CCP revelou-se crucial”,* refere Tcheka.

Dessa colaboração nasceu um marco na história literária da Guiné-Bissau: *“Antologia Poética da Guiné-Bissau”,* editada em Portugal pela Editorial Inquérito com o apoio do CCP, em 1990. Curiosamente, o prefácio foi assinado por Manoel Ferreira, escritor que, anos antes, tinha afirmado que a Guiné-Bissau era *“um espaço morto”* em termos literários. A antologia abriu portas a outras participações internacionais. A Guiné-Bissau passou a estar representada em encontros de escritores da lusofonia, como o realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. *“Foi uma forma de dar visibilidade à nossa produção literária”,* explica. O impacto deste movimento foi tão profundo que, posteriormente, Tony Tcheka integrou a delegação guineense que participou nas discussões sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, realizadas na Academia das Ciências de Lisboa — uma prova clara da relevância que a Guiné-Bissau começou a conquistar no espaço lusófono.

Mais do que beneficiar apenas escritores e intelectuais, este movimento teve impacto direto na promoção da leitura entre os jovens. Várias jornadas literárias foram organizadas com crianças e adolescentes, alguns dos quais viriam a tornar-se autores nas décadas seguintes. Todo este percurso, como sublinha, nasceu da vontade férrea em afirmar a Guiné-Bissau como nação produtora de cultura. E, nesse esforço, o papel do CCP e de figuras como o então diretor do Centro, Matos e Lemos, foi determinante. *“Foi a pedra-de-toque. Ajudaram-nos a conquistar o nosso espaço”,* conclui o autor.

Inês Queirós entrou para o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau mesmo antes de este existir formalmente. Foi no dia 4 de janeiro de 1993 que iniciou a sua jornada, quando ainda se tratava apenas de uma biblioteca e duas salas onde se davam aulas de língua portuguesa. À época, o CCP ainda não tinha sido nem criado nem oficialmente inaugurado, o que só aconteceria dois anos depois, em 1995. Desde o início, Inês esteve envolvida nas atividades da biblioteca, que além de literatura para adultos, dispunha também de um importante acervo infanto-juvenil. Havia grande dinamismo: palhaços vinham de Lisboa para animar as crianças, organizavam-se feiras do livro que atraíam centenas de pessoas,



Biblioteca do CCP Bissau (Arquivo CCP)

ávidas por leitura, num contexto onde as livrarias eram escassas. As feiras tornaram-se momentos marcantes da vida cultural de Bissau, com descontos especiais para os muitos leitores do Centro. Realizaram-se também em regiões como Bafatá e Gabú, e muitas vezes ofereciam-se livros a bibliotecas escolares no interior do país.

Inês trabalhou com todos os diretores do CCP, começando com Matos e Lemos. Ao longo dos anos, Inês viu o prestígio do CCP crescer e esmorecer, muitas vezes devido aos contextos marcados pela instabilidade social e política, onde a cultura era sempre a primeira a ser afetada. O enorme entusiasmo de fases do passado contrasta com períodos de um certo afastamento da sociedade guineense, agravado pelo acesso facilitado à internet e pelo fim das feiras do livro.

Apesar das dificuldades, Inês continua a demonstrar uma profunda dedicação ao seu trabalho. Tem uma vasta experiência como bibliotecária, tendo organizado várias bibliotecas no país. A paixão de Inês pelos livros nasceu na infância, inculcada pelos pais. Sempre quis trabalhar com livros e com crianças. No CCP, encontrou esse espaço — e deixou nele uma marca indelével.



A primeira vez que estive na Guiné-Bissau foi em 1997, no âmbito do seu projeto de doutoramento. O tema da investigação centrava-se nos rituais funerários da etnia Papel, e foi com esse objetivo que se deslocou ao país. Nessa ocasião, foi-lhe recomendado o contacto com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, e com o seu diretor, Matos e Lemos, que poderiam fornecer apoio à sua pesquisa.

Mais tarde, já depois de concluir o doutoramento, regressou à Guiné-Bissau para desenvolver outros projetos de investigação. Nessa altura, a direção do Centro estava a cargo de Daniel Perdígão, que se revelou também um apoio importante. Embora não fosse antropólogo, Daniel demonstrava grande interesse pela área, o que o levou a acompanhar a investigadora em várias deslocações de campo. Juntos, participaram em observações de rituais, utilizando métodos próprios da antropologia, como a observação participante. Recordar-se particularmente de uma cerimónia Balanta, entre outras experiências que foram, em alguns casos, registadas por Daniel com uma câmara de filmar.

Ao longo dos anos, manteve uma ligação contínua com a Guiné-Bissau através de vários projetos. A última estadia no país decorreu entre 2018 e 2019. Tinha planos de regressar posteriormente, mas a pandemia da COVID-19 impediu essas deslocações, e desde então não voltou ao território.

Considera que o CCP desempenhava um papel fundamental para os investigadores estrangeiros no país. Embora as questões formais fossem tratadas através da Embaixada ou da Secção Consular, o Centro funcionava como um ponto de apoio simbólico, conhecendo os investigadores no terreno e os seus projetos. Após a saída de Daniel Perdígão, ainda contou com o apoio de Luís Machado, que deu continuidade a essa postura de acolhimento e colaboração com a comunidade académica.

1990

INÍCIO DO SISTEMA
MULTIPARTIDÁRIO.

1991

1992

criação do Instituto Camões
para substituir o Instituto
de Cultura e Língua
Portuguesa - ICLP.

1994

Nino Vieira é eleito
nas primeiras eleições
democráticas.

João Pedro de Almeida
Silveira Carvalho assume
o cargo de embaixador de
Portugal em Bissau.

1995

Francisco Manuel
Guimarães Henriques da
Silva assume o cargo de
embaixador de Portugal
em Bissau.

1997

Guerra civil entre Nino
Vieira e Ansumane Mané.
Nino Vieira é deposto e
exila-se. 300.000 pessoas
são deslocadas.

1998

António Augusto Russo Dias
assume o cargo de embaixa-
dor de Portugal em Bissau.

1999

Daniel Perdigão assume o
cargo de adido cultural, na
embaixada de Portugal em
Bissau.

05.

GUINÉ-BISSAU: A CEREJA NO TOPO DO BOLO



DANIEL PERDIGÃO

**ADIDO CULTURAL
E DIRETOR DO CCP
1999 - 2003**

“Durante o conflito interno de 98, os obuses de canhão tinham destruído o telhado do Centro Cultural Português. A biblioteca estava confinada a um canto e o CCP era um depósito de camas e colchões do Hospital Simão Mendes e de bens fornecidos por Portugal. Havia até granadas deixadas pela Guarda Francesa. O aeroporto nem sequer estava a funcionar!” É neste cenário de pós-conflito político-militar, devido ao motim liderado por Ansumane Mané contra o então presidente Nino Vieira, que Daniel Perdigão chega a Guiné-Bissau para assumir a direção do Instituto Camões - Centro Cultural Português (CCP). Tinha na altura 46 anos, praticamente todos passados em escolas, primeiro como aluno, desde os 4 anos, depois como assistente da Faculdade de Letras e mais tarde como professor. Farto de lecionar, lembrou-se que Jorge Couto, um antigo aluno, havia sido nomeado para Presidente do Instituto Camões. Daniel Perdigão abandonou assim a docência universitária para abraçar a diplomacia cultural, não em Cabo Verde como ele suspeitava, mas na Guiné-Bissau. Apesar dos orçamentos apresentados, alguém das necessidades para o território, Daniel Perdigão aceitou o desafio e muda-se para Bissau com a sua esposa, que fora colocada na Escola Portuguesa. A promessa de um novo grande Centro, no edifício da antiga Embaixada da Alemanha, serviu de aliciante, na altura.

No desfiar de memórias, Daniel Perdigão recorda a atuação brilhante do Embaixador Russo Dias, com quem começou por trabalhar na Guiné-Bissau. Foi ele que lhe recomendou uma primeira reunião com o Ministro da Cultura, Juventude e Desporto. Nesse primeiro encontro, mal Daniel Perdigão falou de cultura, o ministro deixou

claro que era apenas do desporto, por isso “os senhores não se esqueçam de mandar “A Bola” todos os dias” e aconselhou-o a falar sobre cultura com Mariana Ferreira, uma etnógrafa romena que vive na Guiné-Bissau, desde



Jovens leem jornal “A Bola” no CCP Bissau (Arquivo CCP)

1986, e desempenhou um papel significativo na preservação e promoção da cultura guineense. Assim que a conheceu deu por si a discutir, em Romeno, a cultura luso-guineense. A família de Daniel Perdigão esteve fortemente envolvida na fuga de Álvaro Cunhal de Peniche e foi obrigada a fugir de Portugal nos anos 50. É assim que Daniel Perdigão chega à Roménia com 10 anos, onde viria a fazer faculdade de Filosofia, só regressando a Portugal para lecionar na Faculdade de Letras, após o 25 de Abril. É um homem de cultura, de histórias e de livros, uma paixão partilhada com



Feira do livro no CCP Bissau (Arquivo CCP)

Jorge Couto, e que levaria o diretor do CCP, mal restaurou o edifício, a avançar com a Feira do Livro em 1999. “Os livros venderam-se como pães quentes e ainda nos permitiram organizar mostras em Bafatá,

Catió, Mansoa e Canchungo. Chamo-lhe mostras porque não tínhamos grande coisa para vender, tínhamos era para mostrar, mas os guineenses queriam os dicionários que já se tinham esgotado.” A par da promoção da língua, Daniel Perdigão desenhou uma estratégia para valorizar mais a cultura guineense. A programação

do Centro passou a incluir os desfiles das Rainhas Pampa ou concursos de máscaras, ambos associados ao maior evento do país, o *Nturudu* e o CCP abriu-se mais à cultura em crioulo na poesia e no teatro. Daniel Perdigão



Concurso de máscaras no CCP Bissau (Arquivo CCP)

destaca ainda as conferências de jornalismo, promovidas pelo CCP, e realizadas num período particularmente conturbado da vida política guineense, marcado pela tensão e medo por parte dos profissionais da comunicação social. Mas de todas as memórias, uma das mais marcantes foi ainda antes de chegar à Guiné-Bissau. Em Maputo, num encontro dos Centros Culturais Portugueses, com a presença do Nobel da Literatura José Saramago, os vários diretores ao saberem que Daniel estava prestes a mudar-se para Bissau todos lhe diziam: *“Ficou com a cereja no topo do bolo. O melhor de África está ali.”*



© Srª Madanca

Odete Semedo é uma figura ímpar nas áreas da cultura e educação na Guiné-Bissau. Poeta, professora, investigadora e defensora incansável da língua portuguesa e das línguas nacionais, a sua trajetória está profundamente entrelaçada com a promoção da identidade cultural guineense e a valorização da literatura africana.

Desde cedo, Odete Semedo manteve uma forte ligação com o ensino da língua portuguesa, tendo participado em projetos educativos importantes financiados por instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian, que visavam melhorar a qualidade do ensino nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Essa ligação estendeu-se ao Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, com o qual colabora há décadas em diversas frentes, desde o lançamento de livros, cursos de escrita científica e redação académica, até à promoção da cultura guineense.

Foi no CCP que lançou o seu livro “No Fundo do Canto”, numa cerimónia marcada pela dramatização do poema “Bissau, No Banco dos Réus”, protagonizada por Dina Adão. Este evento é lembrado como um dos momentos culturais mais significativos para a autora, tanto pela dimensão artística como pela presença de um dos nomes mais marcantes do teatro e da literatura guineense. Dina Adão foi uma das primeiras apresentadoras da Televisão Pública da Guiné-Bissau e a primeira mulher africana a apresentar um programa televisivo no Brasil, o “Nova África”, da Rede TV Brasil. Dina Adão foi empresária, escritora, estilista e atriz, tendo participado no filme “Nha Fala” de Flora Gomes.

Odete também destacou a importância do Centro na dinamização de eventos de poesia, tanto em português como em crioulo, e na promoção de autores locais como Nelson Medina e Huco Monteiro. Defende que espaços como o CCP são vitais num país com escassos locais dedicados à arte e à cultura, pois significam em muitos casos o único acesso à cultura, que de outro modo, estaria fora do alcance de grande parte da população guineense. Por isso, Odete Semedo define o CCP como um encontro das várias culturas da Guiné-Bissau, da música, da kora — a sua música predileta —, do teatro e do cinema, um espaço multiusos aberto à diversidade cultural.

Com uma dedicação firme à cultura e à educação, Odete Semedo representa a força de uma geração que escolheu regressar ao seu país para contribuir com conhecimento, sensibilidade e arte. A sua obra e a sua ação continuam a ser uma ponte entre tradição e modernidade, oralidade e escrita, entre a Guiné-Bissau e o mundo.

Aos 65 anos, Odete Semedo partilha que ultimamente a sua relação com o CCP está de novo mais próxima, tudo porque um incêndio devastou a sua biblioteca pessoal e Odete Semedo encontra no Centro algum consolo para esta enorme e trágica perda.

CRISTINA BRANCO CANTORA CONCERTO INESQUECÍVEL



Foi em 2001, nos primeiros passos da sua carreira, que Cristina Branco viajou até à Guiné-Bissau a convite de Daniel Perdigão, diretor do Centro Cultural Português (CCP), em Bissau. Nunca lá tinha estado, e, na verdade, nunca mais voltou. Mas aquele concerto na Sé Catedral de Bissau, com os músicos Alexandre Silva à viola, e Custódio Castelo na Guitarra Portuguesa, ficou gravado como um dos momentos mais marcantes da sua vida. Sem som amplificado, sem iluminação, com um calor quase insuportável e, ainda assim, foi mágico. A falta de meios foi compensada por uma comunhão rara entre artistas e público. Cristina lembra com emoção os aplausos, os olhares gratos, a alegria partilhada.

O que mais a marcou na sua viagem, mais do que o cenário ou as dificuldades técnicas, foi o brilho no olhar das pessoas. Cristina recorda o modo como eram recebidos, como lhes agradeciam por estarem ali, a partilhar música e palavras. Era um brilho de quem escuta com o coração, de quem reconhece o valor da presença, do gesto, da arte oferecida com sinceridade.

Naquela altura, Cristina cantava há apenas dois anos. Estava a começar, e essa viagem foi também uma revelação: a de que aquilo que fazia podia ter um impacto profundo na vida dos outros. Foi um momento de comunhão — com o público, com a música, com a língua portuguesa. Uma partilha que confirmou o que, anos depois, continua a acreditar: a música é um ato de fé na humanidade. A viagem foi também transformadora a nível pessoal. Recuperava de um grave acidente que lhe tinha roubado a mobilidade, e o calor húmido da Guiné foi inesperadamente terapêutico.

A memória que guarda é feita de sensações, rostos e emoções. E de uma certeza: com quase nada, o CCP conseguiu criar tudo. Na ausência de meios, houve criatividade. Na escassez, houve beleza. E naquele instante irrepetível, na Sé de Bissau, Cristina Branco teve a certeza de que a cultura pode, de facto, mudar o mundo — começando pelos olhos de quem vê.

A relação do cineasta guineense Flora Gomes com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau é longa e significativa, embora ele próprio confesse não se lembrar exatamente quando começou essa ligação. Certo é, segundo as suas memórias, que o CCP foi palco de uma projeção, com bastante sucesso, do seu filme “Os Olhos Azuis de Yonta”, e que esta parceria cultural dura até hoje.

Gomes relembra que o lançamento do filme foi um sucesso, e que essa relação cresceu com outros eventos marcantes no Centro. O filme musical “Nha Fala” teve um impacto especialmente forte, emocionando o público jovem que, ao final da projeção, cantava em uníssono a canção Soul Makossa, do músico camaronês Manu Dibango. Esse episódio ficou na memória do cineasta como uma demonstração extraordinária da reação do público ao cinema guineense.



Além disso, o CCP exibiu ainda “Duas Faces da Guerra”, um documentário realizado por Flora Gomes e a jornalista Diana Andringa, momento em que a sala ficou repleta de estudantes, professores e estudiosos, reforçando o papel do Centro como espaço cultural e educativo.

Apesar do apreço, Flora Gomes destaca que a Guiné-Bissau ainda carece de um espaço cultural digno, adequado à riqueza artística do país. Ele ressalta que o CCP é importante, mas poderia ser melhor estruturado, com mais conforto e melhores condições para projeção de filmes. Mas Gomes sublinha, a Guiné-Bissau não pode exigir as infraestruturas culturais que faltam ao país às instituições da cooperação internacional, mas sim às autoridades locais, pois o país merece um espaço condizente com sua cultura vibrante.

Sobre o futuro, o cineasta, que está a terminar o novo documentário sobre Amílcar Cabral, acredita que a continuidade e valorização do CCP dependem quer do interesse dos guineenses quer do apoio das autoridades.



Carlos Alberto Teixeira de Barros, conhecido como Carbar, é um dos artistas plásticos mais respeitados da Guiné-Bissau. Com uma carreira iniciada na década de 1970, Carbar é arquiteto de formação e tem se destacado no campo da pintura e do desenho, além de ser um entusiasta da cultura popular e do artesanato guineense. Graças à sua formação, trouxe para a pintura um olhar atento às formas, espaços e tradições do seu país. Desde o início, o seu trabalho busca uma expressão da vida quotidiana, das tradições, dos rituais e do artesanato, criando obras que são convites à reflexão sobre a identidade cultural do povo. Essa ligação profunda com a cultura local foi fundamental para moldar seu estilo artístico e a sua carreira como um dos pintores mais antigos e influentes da Guiné-Bissau.

Ao longo dos anos, Carbar tem sido uma figura central na cena artística da Guiné-Bissau, participando de diversas exposições e eventos culturais. Uma das exposições mais notáveis em que esteve envolvido foi a mostra coletiva “Contemporânea II”, realizada em dezembro de 2017 no Centro Cultural Português (CCP) em Bissau. Esta exposição reuniu obras de artistas guineenses como Botodjo (Felisberto Cá), Chipi Seguy, Fredrick Santy, Ismael Djata, Lilison Cordeiro, Manuel Júlio, Mário Djybol e Yachine, e teve como tema a interpretação da vida na “morança” (habitação familiar comunitária).

Além disso, Carbar também participou em outras iniciativas culturais promovidas pelo CCP, como o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas em 2003, e exposições coletivas em diversos países, incluindo França e Senegal. Apesar do seu envolvimento com o CCP, Carbar tem expressado críticas à falta de apoio das instituições da Guiné-Bissau às artes plásticas. Em entrevistas, afirmou que o Estado guineense “*repudia a arte plástica*” e que muitos membros do governo não reconhecem a importância da arte para o desenvolvimento do país. Carbar continua a ser uma voz ativa na promoção da arte e cultura guineenses, utilizando a sua arte como meio de diálogo e reflexão sobre a identidade e os desafios da Guiné-Bissau.

2000

KUMBA YALÁ É ELEITO PRESIDENTE.

ANTÓNIO JORGE JACOB DE CARVALHO ASSUME O CARGO DE EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM BISSAU.

2001

GOLPE MILITAR: KUMBA YALÁ É DEPOSTO.

2003

LUÍS MACHADO ASSUME O CARGO DE ADIDO CULTURAL, NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU.

2004

JOSÉ MANUEL SANTA-MARINHA BELEZA PAES MOREIRA ASSUME O CARGO DE EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM BISSAU.

NINO VIEIRA REGRESSA AO PAÍS E VENCE AS ELEIÇÕES.

2005

GUILHERME ZEVERINO ASSUME O CARGO DE ADIDO PARA A COOPERAÇÃO NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU.

2006

FREDERICO SILVA ASSUME OS CARGOS DE CHEFE DE MISSÃO ADJUNTO NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU E DIRETOR DO CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS EM BISSAU.

ANTÓNIO MANUEL RICOCA FREIRE ASSUME O CARGO DE EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM BISSAU.

2009

ERMELINDA AREDE ASSUME O CARGO DE CHEFE DE MISSÃO ADJUNTA NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU.

NINO VIEIRA É ASSASSINADO APÓS A MORTE DE TAGMÉ NA WAIÉ.

06.

A CULTURA É UMA PONTE



LUÍS MACHADO

**ADIDO CULTURAL
2004 - 2006**

“É melhor ir para São Tomé! É bem mais calmo.” Foi a sugestão que lhe fizeram na altura. A proposta inicial incluía duas hipóteses: São Tomé e Príncipe ou Guiné-Bissau. Para muitos, São Tomé era claramente a opção mais segura — um destino tranquilo, estável, com menos complicações políticas e logísticas. Mas a decisão foi inteiramente sua. Contra a corrente, Luís Machado escolheu a Guiné-Bissau.

Já tinha estado anteriormente em Cabo Verde, na cidade da Praia, onde dirigiu o Centro Cultural Português. Nessa função, teve um papel central na reabilitação e modernização do espaço. Essa experiência foi determinante na sua escolha: conhecia bem os desafios de trabalhar num contexto africano, com meios limitados, mas com uma enorme vontade de criar. Sabia que a cultura podia florescer mesmo em terrenos áridos, desde que houvesse compromisso.

Foi, até hoje, o diretor do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau que desempenhou funções por menos tempo. Mas esse curto período foi, sem dúvida, intenso. Antes de partir, o seu antecessor já o tinha prevenido: o Centro encontrava-se em mau estado. De facto, ao chegar, encontrou instalações degradadas, com grandes deficiências estruturais. Mais do que uma simples remodelação, era necessário um



plano de reestruturação completo. Assumi, então, esse desafio como uma missão pessoal. Recuperar o CCP em Bissau, não só fisicamente, mas também na sua relevância pública e cultural. Aproveitou a experiência adquirida na Praia para implementar melhorias práticas, restituindo dignidade e utilidade ao espaço. O objetivo era claro: garantir que a cultura portuguesa mantivesse uma presença viva em Bissau, mas não descurando que era urgente valorizar a cultura local como forma de envolver cada vez mais os guineenses.



Luís Machado com Álvaro Lobato Faria (Arquivo Pessoal Álvaro Lobato Faria (ALB))

Paralelamente, o sonho de fazer nascer um novo centro na antiga Embaixada da Alemanha tinha caído por terra. O edifício não tinha as características necessárias, e o Estado Guineense propôs a troca cedendo um terreno entre a Casa do Benfica em Bissau e a Embaixada de Portugal. O projeto para o novo CCP neste terreno, chegou a ser idealizado pelo arquiteto António Pereira. No entanto, no imediato, a prioridade era revitalizar o centro existente, que funcionava nas instalações da própria Embaixada. Foi esse o foco do seu trabalho diário.

O contexto político, porém, não facilitava. O regresso de Nino Vieira ao poder e os episódios de violência e assassinatos que se seguiram afetaram diretamente a estabilidade da Guiné-Bissau. Por vezes, durante uma semana inteira, todas as atividades do Centro tinham de ser suspensas, simplesmente porque não se sabia como a situação política iria evoluir. A instabilidade era um obstáculo constante. Em 2005 é iniciada

a obra para transformar o CCP como o conhecemos hoje, mas Luís Machado já não iria ver o resultado. Isto porque, em abril de 2006, a missão de Luís Machado termina, em resultado da extinção do cargo de adido cultural pelo então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Diogo Freitas do Amaral.

“A Guiné-Bissau representou um desafio exigente. Mas foi também um espaço de ação, de reconstrução e de compromisso. E foi precisamente por isso que a escolhi – por saber, desde o início, que não ia para o caminho mais fácil, mas para o mais necessário”, diz Luís Machado. Entre os muitos momentos inspiradores destaca a visita do guitarrista português Silvestre Fonseca, que esteve duas vezes na Guiné-Bissau. *“Encantou o público local com a sua música, mas sobretudo envolveu-se de tal forma com os músicos locais, que reforçou a minha visão de que a cultura pode continuar a ser uma ponte, mesmo em tempos difíceis”* destaca o último adido cultural na Guiné-Bissau.



Concerto de Silvestre Fonseca (Arquivo Pessoal ALB)



A trajetória de Atcho Express no Centro Cultural Português (CCP) em Bissau é uma história de dedicação, criação e crescimento pessoal. Tudo começou no pós-guerra civil na Guiné-Bissau, quando ele, já envolvido na Brigada Cultural Estudantil do Liceu Doutor Agostinho Neto, passou a frequentar o CCP como leitor e artista. A sua intervenção marcante num espetáculo do Dia de África, em que criou uma instalação com um mapa perfurado do continente, impressionou o então diretor Luís Perdigão, que lhe abriu as portas para colaborar com o centro.

Em 2001, Atcho passou a ser o elo entre o CCP e os artistas, organizava espetáculos, gravava publicidade e participava ativamente na programação. Trabalhou com vários diretores, destacando a relação especial com Luís Machado e, sobretudo, com Frederico Silva, que o incentivou a fazer formação e reconheceu o seu talento. Em homenagem a este último, deu o nome de Frederico ao seu primeiro filho.

Durante quase duas décadas, Atcho foi a alma viva do CCP. Representava o Centro em eventos, animava festas, promovia a música tradicional e introduziu novos públicos às culturas portuguesa e guineense. Confessa que o CCP o formou enquanto homem e artista. Apesar de nunca ter tido um contrato formal, manteve-se fiel ao compromisso até à sua partida para Lisboa em 2020, para um mestrado em Teatro Comunitário.

Hoje, Atcho é ator, realizador, mestre em Teatro e Comunidade, contador de histórias e fundador do Teatro Confuso — uma proposta artística baseada em três pilares: o conto, a poesia e a canção. Embora não tenha regressado ao CCP, sonha publicar o livro da sua tese de mestrado com o apoio do Centro que o viu crescer. Porque, como ele próprio afirma, *“foi ali que tudo começou”*.



Professor, compositor e músico de guitarra clássica, galardoado em 2004 com o prémio “Músico do Ano” atribuído pelo Movimento de Arte Contemporânea. Silvestre Fonseca chegou à Guiné-Bissau com a guitarra clássica ao ombro e o coração aberto. Corria o ano de 2002. O convite partira de amizades cultivadas em terras distantes — Marrocos e Argélia — onde já partilhara a alma através da música. Mas ali, em Bissau, tudo se desenhava com outras cores: terra batida, sorrisos largos, noites sem luz e uma calorosa humanidade que parecia abraçá-lo à chegada.

No Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, as cordas da guitarra vibraram diante de uma sala cheia. A música não era apenas som: era história contada, era ponte estendida entre mundos distantes. Depois, na Escola Normal Superior Tchico Té, um outro concerto transformou-se em aula. Uma plateia curiosa descobria o universo da guitarra clássica, o que se chama de violão— desconhecido, mas acolhido com entusiasmo e brilho nos olhos. Não era só espetáculo, era partilha. E Silvestre sentia-se em casa.

Voltou em 2004. O calor era o mesmo, o povo, sempre musical, acolhia-o com uma alegria generosa. “*Silvestre, você não conhece a Guiné se não for a uma tabanca*”, dissera-lhe um guarda. E foi. Perdeu-se em trilhos de areia, entre as palmeiras e os mosquitos, dançando em discotecas sob a batida guineense, sentindo a alma local pulsar com a dele. Viveu o país para além dos palcos — nos mercados do Bandim, nos jardins, nas conversas com músicos locais, emocionados por aprender, curiosos por saber.

Silvestre não levou apenas notas musicais. Plantou sementes. Talvez, por entre os sons da floresta, haja hoje mãos guineenses dedilhando acordes por causa daquele concerto, daquela aula, daquela palavra simples mas entusiasmada.

O CCP foi muito mais que um palco. Foi farol, foi casa, foi elo. Permitted o encontro. Permitted a fusão. E o guitarrista-poeta, que não se contenta com aplausos mas busca ligações verdadeiras, sabe disso.

Hoje, aos 66 anos, olha para trás com a serenidade de quem viveu o essencial. E diz, sem hesitar: “*Se me chamarem, eu volto. Porque ser útil é o mais belo legado que posso deixar.*” E enquanto houver cordas e histórias, Silvestre continuará a tocar — e a tecer pontes invisíveis entre geografias distantes e corações próximos.

ÁLVARO LOBATO FARIA DIRETOR ARTÍSTICO MAC
ENCONTRO COM A ALMA DE UM POVO



Entre os marcos mais significativos da vida profissional e cultural de Álvaro Lobato Faria, destaca, com emoção e orgulho, a missão que levou este agente cultural à Guiné-Bissau entre 11 e 19 de junho de 2004. Convidado pelo então Instituto Camões, pela Embaixada de Portugal em Bissau e pelo Governo da Guiné-Bissau, participou ativamente numa intensa programação de intercâmbio artístico e pedagógico.

Durante esta estadia, organizou, comissariou e fez curadoria de exposições de arte contemporânea portuguesa, criando pontes entre o universo artístico luso e a realidade cultural guineense. As mostras geraram um diálogo profundo, estimulando o encontro de sensibilidades e atraindo amplo público. A arte, nesse contexto, revelou-se uma linguagem de empatia e aproximação.

Paralelamente, o trabalho educativo foi central. Ministrou conferências sobre arte contemporânea, educação estética e o papel transformador do professor, dirigidas a docentes, estudantes, artistas e representantes institucionais. O contacto com a comunidade educativa revelou-se especialmente marcante. Ao orientar sessões de formação para professores de vários níveis de ensino, ofereceu metodologias e conteúdos capazes de valorizar a expressão artística como via para o crescimento pessoal e coletivo. A dignidade e o empenho dos educadores guineenses, mesmo em condições adversas, deixaram uma marca profunda no visitante.

A interação com alunos, através de aulas e oficinas criativas, despertou talentos e fortaleceu a autoestima. Nos rostos dos jovens, viu-se refletido o potencial e a esperança de um país em construção.

O reconhecimento da missão foi inequívoco. Instituições locais, o Instituto Camões e a Embaixada de Portugal valorizaram o seu contributo, destacando-se a colaboração de Luís Mendes Machado, então Diretor do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, cuja dedicação foi decisiva.

Mais do que uma viagem, esta missão foi um encontro com a alma de um povo — e a confirmação de que a cultura, quando partilhada, transforma.

KARYNA GOMES CANTORA
O LUGAR ONDE TUDO COMEÇOU



A relação de Karyna Gomes com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau é feita de afetos, desde o primeiro momento que veio ao mundo. Literalmente nascida do outro lado da rua da Embaixada, conta que a sua mãe deu tantos gritos durante o parto que João de Sá Coutinho Rebelo Sotto Maior, então Em-

baixador, foi lá a casa perguntar à vizinha se estava tudo bem. Karyna cresceu a sentir o cheiro dos livros da biblioteca do Centro, onde teve o primeiro contacto com a leitura e com o mundo da cultura. Por isso, quando, em 2006, subiu ao palco do CCP para o seu primeiro concerto a solo foi mais do que o início de uma carreira musical.

Nessa altura, Karyna ainda se dividia entre a comunicação e a música gospel. Trabalhava com rádios comunitárias no interior da Guiné-Bissau e via a música, sobretudo, como um ato de fé. Ainda hoje defende que cantar é apenas uma forma de louvar a Deus. Mas um convite da prima Sassy Saúde Maria para animar as noites de quinta-feira no restaurante Giordani, na Rua do Hospital Nacional Simão Mendes, deu início a uma nova fase. A sua voz — acompanhada de duas guitarras acústicas — enchia o restaurante e cativava públicos diversos. Foi ali que conheceu Frederico Silva, na altura diretor do CCP em Bissau, que a desafiou para um concerto a solo.

Com Fernando Fafé e Valdir Delgado nas guitarras, Tony Bat II na bateria e Norton Batista nas teclas, Karyna montou um quarteto e apresentou um repertório de *covers* — de Zé Carlos Schwarz a Paulo Flores — e até um tema inédito, cedido por Justino Delgado. O concerto foi espontâneo, emocionante e cheio de significado. *“Não há nada que apague essa memória maravilhosa de ter feito este primeiro concerto no CCP, ali ao lado do lugar onde eu nasci, onde eu comecei como ser humano e também como cantora a solo. Portanto, essa faz parte da minha história, é o meu processo.”* Outro dos momentos marcantes, também no CCP, foi o convite pelas mãos de Frederico Silva para cantar com Dulce Neves, uma das suas grandes referências a par do Sambala Kanute, um *griot* de gema que ela considera um dos maiores cantores do mundo. Por isso, para Karyna Gomes o CCP não foi apenas o palco do primeiro concerto — foi o berço simbólico de uma artista que, sem o saber, começava a conquistar o mundo.

ABDULAI SILA ESCRITOR ENTRE MUROSE PONTES



© Sandra M. Paké

A relação de Abdulai Sila, uma das mais destacadas vozes da literatura contemporânea guineense, com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau é marcada por uma convivência intensa, embora ambígua, ao longo de várias décadas. Desde o final dos anos 1970, quando a biblioteca do CCP abriu, o escritor lembra-se do espaço como um raro ponto de acesso ao livro e à língua portuguesa na Guiné-Bissau do pós-independência. Apesar disso, Sila afirma que nunca foi um utilizador frequente da biblioteca enquanto leitor formal. Para ele, o CCP foi sobretudo um lugar de encontro, de diálogo e de troca intelectual — um ponto de contacto com amigos como Luís Machado, Daniel Perdigão, ou Fábio Sousa, e com outros agentes culturais e literários.

O papel do CCP na vida de Abdulai Sila dependeu muito das figuras que o dirigiram. O escritor destaca com admiração *“os diretores como Fábio Sousa, que, ao adotarem posturas mais abertas e dinâmicas, contribuíram para uma maior inclusão da cultura guineense nas atividades do centro”*. Foram momentos em que o CCP se transformou num espaço plural, que acolheu lançamentos de alguns dos seus livros.

“Aconteceram coisas maravilhosas. Imaginem, ao ponto de, só para lhe dar um exemplo, a Associação de Escritores, na altura era a primeira associação de escritores, decidiu dar um diploma de mérito ao diretor do CCP Fábio Sousa, que foi um modelo de um embaixador cultural.”, conta Abdulai.

Apesar dos episódios de cooperação, Sila reconhece as limitações estruturais e institucionais do CCP, desenhado sobretudo para a promoção da língua e cultura portuguesas. Ele aponta que, durante certos períodos, o centro foi visto pela sociedade guineense como um espaço elitista, fechado e pouco representativo da produção local.

Mesmo assim, o autor e cofundador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Guiné-Bissau (INEP) e da primeira editora privada na Guiné-Bissau, a “Ku Si Mon Editora”, valoriza os momentos de diálogo e abertura, como as sessões de formação em escrita criativa e os eventos culturais em que participou e que ajudou a organizar. A trajetória de Sila revela que, apesar das tensões e dos limites institucionais, o CCP teve um papel significativo — embora irregular — na cena cultural guineense, funcionando como espelho das relações culturais entre Portugal e a Guiné-Bissau, sempre condicionadas pela sensibilidade e visão dos seus responsáveis.

NATÁLIA FALÉ COORDENADORA DE PROJETOS
CULTURA EM TEMPOS DE INCERTEZA



Entre 2010 e 2014, Natália Falé viveu uma intensa experiência profissional na Guiné-Bissau, ao serviço da cooperação portuguesa. Enquanto coordenadora de projetos do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD) — que, em 2012, se fundiu com o Instituto Camões, originando o atual Camões, I.P. —, Natália teve um papel essencial no apoio à Embaixada de Portugal e ao Centro Cultural Português (CCP) em Bissau. A escassez de recursos humanos levou-a, entre 2013 e 2014, a ser a única representante do Camões, I.P. no país.

Nesse contexto, o CCP destacou-se como espaço central de promoção cultural e educativa. A sala de leitura, sempre cheia de estudantes em busca de livros técnicos e material de apoio — escassos no país —, simbolizava a sede de conhecimento da população. Durante a Feira do Livro, as filas à porta do CCP confirmavam o impacto direto da cooperação portuguesa no quotidiano guineense.

O ensino da língua portuguesa, embora oficial, era pouco difundido fora dos contextos formais. As aulas promovidas pelo CCP, gratuitas e muito procuradas por estudantes e profissionais, reforçavam a identidade lusófona num país marcado pela diversidade linguística. Oficinas de escrita criativa com autores da CPLP também atraíam grande participação de jovens e escritores locais.

O CCP funcionava ainda como ponto de apoio à sociedade civil, cedendo espaço gratuitamente para seminários, reuniões e eventos organizados por ONG's e associações, reforçando seu papel como agente de dinamização social e cultural.

O golpe de Estado de abril de 2012 marcou um dos momentos mais difíceis vividos por Natália. A deterioração das relações entre Guiné-Bissau e Portugal trouxe instabilidade e exigiu grande resiliência. Mesmo assim, o CCP permaneceu um ponto de referência, mantendo viva a cooperação cultural em tempos de crise.

Para além das funções institucionais, Natália construiu laços afetivos com colaboradores locais, como a bibliotecária Inês Queirós e o artista Atcho Express, cuja energia e criatividade marcaram a vida cultural do CCP.

2010

GOLPE MILITAR DURANTE AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS.

FERNANDO MANUEL DE JESUS TELES FAZENDEIRO ASSUME O CARGO DE ENCARREGADO DE NEGÓCIOS, NUMA MISSÃO EXTRAORDINÁRIA DE SERVIÇO PÚBLICO, NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU.

JOSÉ MÁRIO VAZ É ELEITO E, APESAR DA CRISE, CUMPRE O MANDATO.

SALVADOR PINTO DA FRANÇA ASSUME A ENCARREGATURA DE NEGÓCIOS, A TÍTULO INTERINO, DA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU, DURANTE O PERÍODO DE TRANSIÇÃO ENTRE EMBAIXADORES.

ANTÓNIO JOSÉ ALVES DE CARVALHO ASSUME O CARGO DE EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM BISSAU.

UMARO SISSOCO EMBALÓ É ELEITO PRESIDENTE.

2012

CAMÕES, INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA. I.P. SURGE DA FUSÃO ENTRE O INSTITUTO CAMÕES E O INSTITUTO PORTUGUÊS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO (IPAD).

GUILHERME ZEVERINO ASSUME O CARGO DE DIRETOR DO CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS EM BISSAU.

FÁBIO SOUSA ASSUME AS FUNÇÕES DE ADIDO PARA A COOPERAÇÃO NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU E DIRETOR DO CCP EM BISSAU.

2014

ANTÓNIO MANUEL TORRES DOMINGUES LEÃO ROCHA ASSUME O CARGO DE EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM BISSAU.

2017

ANTÓNIO NUNES ASSUME AS FUNÇÕES DE ADIDO PARA A COOPERAÇÃO NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM BISSAU E DIRETOR DO CCP EM BISSAU.

2018

2019

07.

COOPERAÇÃO E CULTURA INSEPARÁVEIS



GUILHERME ZEVERINO

ADIDO PARA A COOPERAÇÃO

2006 - 2013

DIRETOR DO CCP

2012 - 2013

Um dos momentos mais simbólicos vividos por Guilherme Zeverino na Guiné-Bissau ocorreu em 2007, em Bafatá, num memorável encontro cultural no antigo Cine-Teatro do Sporting Clube de Bafatá. Com meios escassos e uma carrinha muito velha carregada com o equipamento de som, o improviso português encontrou eco no empenho da comunidade local. Um homem da etnia Fula, de seu nome Canjajá Mané, guardava religiosamente a chave do espaço entregue pelos portugueses quando deixaram o país após a independência, em 1974 — um gesto que simbolizava a ponte de memória entre Portugal e a Guiné-Bissau. Quando abriram as portas todos ficaram espantados com a beleza da sala, ainda intacta e repleta de bobines de filmes. Foi um fim-de-semana de celebração inesquecível, até porque o Sporting Clube de Portugal, clube do coração de Zeverino, venceu a Taça de Portugal. O jogo foi ovacionado dentro do próprio Sporting Clube de Bafatá, criando um momento inusitado de união futebolística entre os dois povos.

Na altura, o Adido para a Cooperação Guilherme Zeverino ainda nem sequer dirigia o CCP. Isto só viria a acontecer cinco anos mais tarde. No início da sua missão, ainda coexistiam o Instituto Camões e o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), cabendo a cada um funções distintas. Mas em 2012, ambos se fundiram, dando origem ao Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, momento em que Zeverino assumiu formalmente a direção do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau. Quando lhe perguntamos quais os principais momentos e protagonistas que marcaram a sua missão, Guilherme Zeverino sem hesitar, destaca o dinamismo de Frederico Silva, o

Chefe de Missão Adjunto na Embaixada de Portugal em Bissau e Diretor do CCP, atual Embaixador de Portugal em Islamabad, Paquistão.

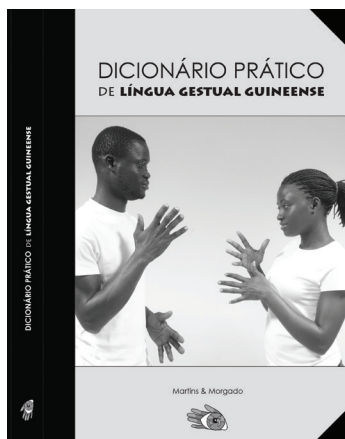


Inauguração do CCP com Frederico Silva, 2006 (Arquivo CCP)

A reabertura do CCP, no verão de 2006, sob a direção de Frederico Silva, após oito meses de intervenção, ficaria como um dos marcos da sua atuação. Frederico Silva gostava de apelidar o Centro como a *"Casa da Cultura da Guiné-Bissau"*, desta-

cando o compromisso do CCP em manter um diálogo ativo com a comunidade local e em promover uma política cultural inclusiva.

Ainda antes de assumir a direção do CCP, Guilherme Zeverino foi um dos responsáveis pelo retornar das concorridas feiras do livro, em 2010, após um hiato. O sucesso foi tal que o público, sedento por livros, especialmente dicionários, enchia as portas do CCP, ao ponto de se temer pelo controlo e segurança das multidões. A procura era tão intensa que foi necessário organizar entradas por grupos. A paixão dos guineenses pela língua portuguesa era evidente. Também Guilherme Zeverino defendeu a necessidade de o CCP valorizar a cultura local, cedendo palco para os primeiros concertos de alguns dos, hoje famosos, cantores e grupos guineenses. O CCP tinha como missão promover espetáculos que celebravam a identidade guineense e a cooperação luso-guineense. Na memória de Zeverino estão outros marcos como o apoio à publicação de autores locais e o lançamento do primeiro Dicionário de Língua Gestual guineense, uma iniciativa promovida por várias associações portuguesas.





Frederico Silva, Guilherme Zeverino, Berta Bento (Arquivo CCP)

Nos sete anos que passou em território guineense — de 2006 a 2013 — viveu momentos marcantes, atravessou períodos de instabilidade política, liderou projetos estruturantes e deixou uma profunda marca na relação entre Portugal e a Guiné-Bissau. No entanto, nem tudo foram conquistas. Viveu cinco golpes de Estado ou episódios semelhantes durante a sua permanência. O mais dramático foi o de 12 de abril

de 2012, que interrompeu uma fase promissora dos projetos na educação e obrigou a cooperação portuguesa a redirecionar os seus esforços para garantir segurança. Durante meses, as representações diplomáticas reduziram o seu nível de presença na Guiné-Bissau e vários projetos foram suspensos. Mesmo assim, Zeverino acredita que *“com pouco se pode fazer muito”*. Lembra com orgulho o compromisso de Portugal, que, tal como Cuba, ao contrário de muitos outros países, nunca abandonaram completamente a Guiné-Bissau.

A sua primeira viagem a Bissau, em 1999, foi como observador eleitoral, e consolidou-se com o tempo, resultando numa tese de mestrado sobre o conflito político de 1998-99 e na construção de uma família guineense. Hoje, apesar de já não viver em Bissau, mantém viva a ligação emocional ao país. Os anos que ali passou foram mais do que um trabalho diplomático: foram um ato de entrega a uma causa maior — a de acreditar que a cultura, a educação e a presença com perseverança fazem a diferença, mesmo nos contextos mais frágeis.

Na Guiné-Bissau, durante muitos anos, a comunidade surda enfrentou grandes dificuldades, sem acesso adequado à língua, à educação e até ao reconhecimento formal da sua identidade. A partir de 2003, muitos surdos começaram a frequentar a escola para cegos, a Escola Bengala Branca, mas rapidamente o número de alunos surdos ultrapassou a capacidade da instituição. Em 2005, a direção da escola percebeu que não tinha condições para atender às necessidades específicas dos surdos e procurou ajuda junto da Associação Portuguesa de Surdos (APS). Como a APS também não dispunha de recursos suficientes para oferecer suporte direto, enviou alguns materiais em Língua Gestual Portuguesa (LGP). Ainda naquele ano, com a indicação da APS, duas especialistas, a docente surda Marta Morgado e a linguísta Mariana Martins, deslocaram-se a Bissau para avaliar a situação da comunidade surda local.

Foi a partir dessa visita que se iniciou um trabalho crucial: a criação dos dicionários da Língua Gestual Guineense (LGG). A iniciativa partiu de Mariana Martins, que identificou a necessidade urgente de legitimar e valorizar a língua gestual própria dos surdos guineenses. Apesar da influência da LGP, ficou claro que os surdos da Guiné-Bissau utilizavam gestos únicos, ligados à sua cultura e identidade. O primeiro dicionário, elaborado muito rapidamente em 2005, reuniu cerca de 200 gestos básicos e serviu como documento pioneiro para reconhecer essa língua emergente.

O sucesso deste projeto levou à produção de um segundo dicionário, mais abrangente, lançado em 2008 no CCP em Bissau, graças ao financiamento da Cooperação Portuguesa.

A LGG destaca-se pela sua origem autóctone, sem influência das línguas gestuais americanas, predominantes noutras regiões. Ela reflete a cultura local guineense e o multilinguismo da África Ocidental, sendo um importante património cultural.

A existência do dicionário ajudou a mudar a perceção da sociedade, que passou a reconhecer a comunidade surda com mais respeito e de forma menos preconceituosa.

Hoje, a LGG está em constante crescimento, com a comunidade surda organizada em associações e centros de jovens, que promovem a sua expansão, bem como a integração, valorização e plena participação dos surdos, na vida económica, social e política da Guiné-Bissau. Ao mesmo tempo, a língua gestual guineense continua em expansão, com a comunidade organizada em associações e centros de jovens surdos, promovendo a uniformização e o crescimento da língua em todo o país. O impacto social foi enorme: hoje, mais cidadãos surdos estão integrados na sociedade, atuando em diversos setores económicos e culturais, reafirmando a sua visibilidade e a importância do seu protagonismo.

Conceição Carvalho, fundadora da marca BIBAS e figura incontornável da moda guineense, tem uma longa e marcante história com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau. Ao longo de 30 anos de carreira, não só elevou a moda guineense a palcos internacionais – como Portugal, Senegal, China e Cabo Verde –, como também formou gerações de modelos e colaboradores, transformando a BIBAS numa verdadeira escola de estilo, cultura e identidade.

Para Conceição, o CCP foi sempre mais do que um espaço físico: foi palco, parceiro e ponto de encontro criativo. Desde o primeiro desfile, realizado antes mesmo da Guerra Civil de 1998/99, o Centro esteve presente em momentos cruciais da sua carreira. Um dos que mais a marcaram foi um desfile solidário com crianças órfãs, do Orfanato Betel. *“Foi o que mais me marcou – ter crianças entre seis meses e 14 anos como protagonistas, num evento onde fizemos sentir estas crianças especiais”*, recorda.

Outros eventos memoráveis incluíram desfiles nos jardins da Embaixada e na rua em frente à Embaixada – Avenida Cidade de Lisboa –, sempre com a marca da inclusão: crianças, idosos, modelos típicos e atípicos desfilando lado a lado. A despedida do Encarregado da Secção Consular Salvador Pinto da França também permanece viva na sua memória, com manequins desfilando ao som do fado, numa celebração da cultura e da diversidade.

Conceição destaca o apoio constante do CCP, tanto em momentos em que propôs projetos, como quando foi convidada a participar. Para ela, o Centro sempre foi acolhedor e aberto, um espaço carinhosamente estimado por artistas, estudantes e público em geral. Apesar dos desafios que a Guiné-Bissau enfrenta, defende que é urgente revitalizar o CCP como espaço de criação e encontro, *“porque os guineenses contam com o CCP como um aliado em momentos em que mais ninguém lhes estende a mão”*. Hoje, aos 65 anos, Conceição continua fiel ao lema da BIBAS – *“mais do que um negócio, uma escolha cultural”* – e reafirma que a moda é uma forma de expressão social e afirmação da identidade guineense. O CCP tem sido, para ela, uma extensão natural desse compromisso.



Desfile Bibas (Arquivo CCP)

A relação entre o escritor Fernando Antunes e o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau é marcada por uma longa convivência, cumplicidade cultural e afetiva. Tudo começou em 1996, quando Antunes, então ligado ao setor das seguradoras, foi destacado para a Guiné-Bissau. Apesar das reticências iniciais, aceitou o desafio, motivado pela sua esposa, professora que assumiu a direção da Escola Portuguesa.

Desde cedo, Antunes encontrou no CCP e no Instituto Camões um espaço de acolhimento para a sua paixão pelas letras. Com o *“bichinho da escrita”* já presente, e alguns livros de poesia publicados, percorreu a Guiné-Bissau de norte a sul, de este a oeste, recolhendo apontamentos, observações e histórias que dariam origem a obras como *“Crônicas, Lendas e Usos Costumeiros da Guiné-Bissau”*. Este livro, lançado no próprio CCP, reúne reflexões e descrições sobre as diversas etnias guineenses, os seus costumes e modos de vida — um verdadeiro retrato sociocultural do país. Trata-se de uma interessante obra que cruza literatura, memória e cultura popular, tornando-se um valioso documento sobre a Guiné-Bissau contemporânea e tradicional, vista pelos olhos de alguém que, embora estrangeiro, se apaixonou profundamente pela Guiné-Bissau.

Além da publicação dos seus livros, o CCP foi palco de outros eventos culturais nos quais Fernando Antunes se envolveu, como sessões de leitura e exposições. Um dos que mais o marcou envolveu a artista plástica, e sua amiga, Mena Brito, que ali expôs pinturas suas e orientou oficinas com artistas locais, em articulação com o lançamento de um dos livros do escritor. Essa dinâmica de cruzamento entre literatura e artes visuais foi, segundo Antunes, uma das experiências mais ricas da sua vivência cultural em Bissau.

A sua relação com o CCP também passou por fortes laços pessoais com vários diretores, nomeadamente Luís Machado e Guilherme Zeverino, com quem partilhou verdadeiras aventuras nas *“mágicas ilhas dos Bijagós”*. Para Antunes, o CCP tem um papel essencial na promoção da cultura e da língua portuguesa na Guiné-Bissau, defendendo uma atuação ainda mais presente e uma programação mais contínua e acessível, estimulando a criação artística local e o uso do português fora da cidade de Bissau.

Mais do que um visitante ou colaborador, Fernando Antunes é uma testemunha ativa da história cultural recente da Guiné-Bissau que entre laços e letras criou uma relação com o CCP que dura até hoje.



Artur Silva, que assumiu o cargo de Diretor-Geral da Cooperação Internacional no Ministério dos Negócios Estrangeiros entre 2003 e 2008, mantém uma relação próxima e construtiva com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau. Durante esse período, trabalhou intensamente com a cooperação portuguesa, em especial nos programas que envolviam a educação e o desenvolvimento cultural no país.

O embaixador recorda que conheceu Guilherme Zeverino, inicialmente em Lisboa e depois em Bissau, na Embaixada de Portugal, onde Guilherme se revelou um exemplar adido para a cooperação. Juntos discutiram várias vezes o então Programa Indicativo de Cooperação (PIC) entre Portugal e Guiné-Bissau, debatendo a execução e avaliação dos projetos, sobretudo na área educativa. Segundo Artur Silva, Guilherme demonstrava sempre grande profissionalismo e disponibilidade para apoiar as atividades ligadas ao CCP inserido na estratégia de cooperação portuguesa.

O CCP é visto, por Artur Silva, como um espaço fundamental para a divulgação da cultura e da língua portuguesa na Guiné-Bissau, destacando ainda o Centro como um local de excelência, onde se realizam lançamentos de livros, exposições de pintura, debates e outras atividades culturais que envolvem não só a comunidade guineense, mas também estrangeiros que residem na Guiné-Bissau. O embaixador reconhece o papel do Centro na promoção do encontro entre culturas e na valorização do património cultural lusófono. Apesar das diferenças e da existência de outros centros culturais em Bissau, como o centro cultural francês, Artur Silva acredita que o CCP mantém um papel insubstituível na cooperação bilateral, sobretudo na área educacional e cultural. Para o futuro, ele espera que o Centro continue a expandir as suas atividades, reforçando os cursos de língua portuguesa para estrangeiros e promovendo mais iniciativas que aproximem os povos.

Em suma, a relação de Artur Silva com o CCP reflete um compromisso sólido com a cultura, a cooperação internacional e o desenvolvimento das relações entre Portugal e a Guiné-Bissau por meio desse importante espaço cultural.



© Ricardo Graça

“Estive em Bissau em 2013 para participar numa oficina de escrita. Ao mesmo tempo abstrata e concreta, o que recordo hoje com mais nitidez é, sobretudo, uma emoção. Na época, essa emoção fez-me ver que, apesar de ter feito essa viagem para partilhar ideias e saberes, foi muito mais o que aprendi. Essa

emoção é difícil de descrever, como todas, mas é muito claro para mim que me marcou bastante. Na época, uma das formas de tentar exprimi-la foi integrar a Guiné-Bissau no romance que estava a escrever: “Galveias”, publicado em 2014, onde existe um carteiro português que tem passado e presente em Bissau. Precisei de uma personagem e de páginas que me permitissem descrever um pouco do que tinha visto por lá.

Antes, no ano letivo de 1998/1999, na Cidade da Praia, em Cabo Verde, tinha tido contacto próximo com diversos guineenses pela primeira vez. Eu era professor no ensino secundário e recebera em várias turmas alguns alunos que chegavam como refugiados do conflito então em desenvolvimento. Eram pessoas que, com grande humanidade, se mostravam aos poucos. Também elas, me marcaram bastante. Quando tive oportunidade de estar em Bissau, recordei-as de uma maneira profunda, tive oportunidade de ver o mundo de onde vinham, senti que percebia melhor aqueles alunos que tinham chegado tão melindrados.

Além das tardes no Centro Cultural Português, dessa oficina em que falava de escrita e de leitura com gente que, claramente, conhecia muito de perto esse mundo, gente que o habitava de uma maneira muito própria, lembro-me também da viagem a Bafatá, de toda a Guiné que encontrei nesse caminho, das pessoas que encontrei nessas estradas, lembro-me do Miguel de Barros que me mostrou tanta coisa, que me ensinou tanto, lembro-me do tempo passado com Tony Tcheka, composto por poesia até nos detalhes mais ínfimos.

Quando estava em Bissau, acreditei que regressaria rapidamente a essa incrível cidade, a esse país tão diferente de todos os que tinha conhecido até aí e que conheci desde aí. O tempo foi passando e, com muita frequência, em conversas, revisito o fascínio da emoção que conheci em Bissau, que ainda sinto. Fui a Bissau para participar numa oficina de escrita, mas participei numa oficina de vida.”

José Luís Peixoto

08.

DIGNIFICAR A CULTURA LOCAL



© Rodrigo Gaiinho

FÁBIO SOUSA

**ADIDO PARA A COOPERAÇÃO
E DIRETOR DO CCP
2014 - 2018**

Na Guiné-Bissau, onde a cultura muitas vezes se esconde nas margens da visibilidade, o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau foi, durante a direção de Fábio Sousa, abordado como ativo para reconhecimento e valorização da identidade guineense. Mais do que promover a cultura portuguesa, o CCP em Bissau serviu, uma vez mais, como ponte verdadeira entre culturas. A estratégia de Fábio Sousa foi valorizar as expressões culturais e artísticas da Guiné-Bissau e contribuir para a sua institucionalização. Para isso, não bastava organizar eventos ou apoiar artistas, era preciso trabalhar algumas condições de possibilidade da percepção pública guineense sobre as suas expressões culturais. A maior carência que encontrou não foi de talento ou criatividade, mas de lugares de discurso público sobre criações e criadores guineenses: de museus, de galerias, de programação cultural regular, de oportunidades para apresentar as realizações estéticas e simbólicas nos ativos culturais do país.

O espaço do CCP adaptou-se para contribuir para estes objetivos. As paredes da biblioteca, por exemplo, começaram a acolher uma pequena coleção permanente de arte. As obras de artistas



Exposição de *Panu di Pintu* no CCP, 2016. (Arquivo CCP)



Exposição na biblioteca do CCP (Arquivo CCP)

guineenses ali expostas, começaram a ser vistas de outra forma pelo público. Estavam agora inseridas num discurso institucional. A coleção de arte guineense do CCP tornou-se símbolo de algo maior: a possibilidade de um “terreno nivelado”, como Fábio lhe chama. Um espaço onde as culturas se encontram sem hierarquias. Onde a arte ou a cultura portuguesa não tem ascendente, mas surge como proposta de diálogo criativo com a arte e a cultura guineense. Também na área disciplinar da literatura, com as oficinas de formação em escrita criativa, houve uma aposta em trazer figuras que criassem entusiasmo nos jovens guineenses. Exemplo disso foram as famosas conferências e oficinas do professor e escritor luso-sueco Miguel Gullander, ou de Afonso Cruz, Rui Cardoso Martins ou Alexandra Lucas Coelho, que, no entender de Fábio Sousa, motivaram mesmo alguns novos escritores guineenses, como o Abdelaziz Vera Cruz ou a Rita lé.

A reabertura do Museu Nacional de Etnologia, ainda que efémera, foi outro momento marcante desta estratégia. Mostrou que era possível renovar para a arte nacional um espaço físico e simbólico de sacração. A par das



Exposição de pintura no CCP (Arquivo CCP)

artes visuais, o CCP trabalhou com escritores, promoveu lançamentos de livros, apoiou a edição e incentivou o pensamento crítico também em conferências e debates. A missão do Centro era assim duplamente cumprida: realizava a ação cultural externa portuguesa e europeia, mas ao mesmo tempo contribuía para elevar a cultura guineense a um

lugar de igualdade simbólica que torna mais fácil o diálogo intercultural e de representações de valores. Fábio recorda que o maior desafio não foi a falta de orçamento, mas sim a escassez de tempo e de recursos humanos. No entanto, graças às parcerias com a sociedade civil e as instituições nacionais, muitas iniciativas foram possíveis e realizadas com custos modestos, o que sublinha a vocação do CCP para criar a partir de encontros, de culturas e de povos.





“O Camões – Centro Cultural Português em Bissau, em parceria com o Grupo de Teatro Experimental de Bissau, será palco no dia 20 de setembro de 2016, às 20h00, da estreia de uma adaptação original para teatro da obra “O Inominável”, de Samuel Beckett.” Assim era anunciado um dos espetáculos

que contava com Banuma Pinto no elenco. Nesse momento o público teve a certeza que: estava perante uma atriz gigante que iria conquistar o mundo. Banuma saiu precisamente nesse ano para estudar no Brasil e está hoje em Portugal, onde terminou o seu mestrado, tendo dedicado a sua tese à “Linguagem Percussiva Do Bombolom Na Construção Dos Saberes Mancanha.”

A atriz assume que a sua trajetória artística está profundamente ligada ao seu envolvimento com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau. Embora a sua passagem tenha sido breve, entre 2014 e 2016, foi um período decisivo que contribuiu significativamente para a sua formação enquanto atriz e agente cultural. Desde muito jovem, Banuma participava em atividades culturais nas escolas, mas foi no CCP que ela encontrou um espaço de partilha, formação e visibilidade.

No CCP, Banuma passou de intérprete a coreógrafa do grupo de teatro, envolveu-se em apresentações marcantes como a peça “Casamento Forçado”, que protagonizou e aponta como uma das peças mais marcantes dessa fase. Colaborou com figuras importantes da cultura guineense como Flora Gomes, Miguel de Barros e Odete Semedo. Recebeu também o apoio constante de mentores como Atcho Express e Fábio Sousa, que, segundo ela, sempre incentivou o seu crescimento. Recorda os serões de ensaios onde Fábio Sousa fazia questão de estar presente e muitas vezes, sem qualquer pudor, assumia as funções de assistente de encenação.

Essa vivência no Centro não só reforçou a sua paixão pelas artes, mas também despertou o seu desejo de explorar outras linguagens, como o cinema, culminando na realização da curta-metragem “Corpo Público”. Hoje, aos 31 anos, Banuma trilha um caminho de resistência e expressão artística. Para ela, o CCP representa um espaço essencial de encontro entre saberes e culturas e a oportunidade para muitos jovens descobrirem o seu talento artístico. É uma “encruzilhada” onde tradição e modernidade dialogam, e que deveria ser multiplicado, acessível e fortalecido como pilar do desenvolvimento cultural e educativo da Guiné-Bissau.

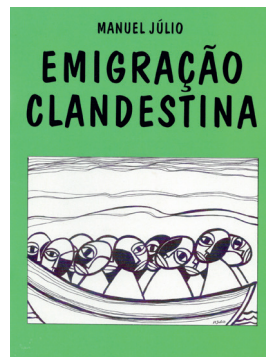
A relação dos irmãos Fernando e Manuel Júlio com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau é tecida de afinidades artísticas, encontros humanos e um percurso de resiliência criativa. Unidos pela pintura desde a infância – quando desenhavam no chão e aprendiam com mestres como Augusto Trigo e o seu discípulo Amisson Lima – os dois artistas construíram carreiras paralelas marcadas por estilos distintos: enquanto Manuel se expressa com mais liberdade no abstrato, Fernando é conhecido pelo seu rigor realista.

A ligação com o CCP começou de forma espontânea. Manuel Júlio chamou a atenção de Fábio Sousa, então responsável pelo Centro, que passou a visitar sua casa com frequência, adquirindo obras e incentivando exposições. Fernando também se aproximou do CCP nessa altura, reconhecendo no espaço não apenas um parceiro institucional, mas um ponto de encontro com o público e com outros artistas.

A primeira exposição individual de Manuel Júlio no CCP aconteceu apenas em 2018, embora já tivesse participado em coletivas desde antes. A partir daí, a colaboração dos irmãos intensificou-se: com António Nunes e, mais tarde, com Paula Matos da Costa, que os envolveram em exposições, eventos e projetos editoriais. Cartazes, manuais, ilustrações – o apoio do CCP não se limitou às galerias, estendendo-se também à divulgação da arte guineense dentro e fora do país.

“Se não fosse o Centro Cultural Português não havia exposição,” sublinha Fernando, reconhecendo o papel do espaço na valorização e visibilidade dos artistas locais. A exposição tornava-se mais do que um ato estético: era sobrevivência, era reconhecimento.

Com mais de seis décadas de vida e cinco décadas de pintura, os irmãos Júlio também deixaram marca na história da banda desenhada guineense. Criaram “Os 3 Nkurbados”, considerada a primeira BD do país, e são os criadores de N’Tori Palan, figura icónica que permanece viva no imaginário popular. Ainda hoje, Fernando e Manuel mantêm o espírito crítico aceso com o jornal satírico “O Turbada”, ativo nas redes sociais. A relação dos irmãos com o CCP é, assim, uma história de arte e de afeto, onde o Centro não é apenas palco, mas cúmplice de uma travessia artística que cruza a memória, a resistência e a celebração da cultura guineense.





© Spencer M. Embaló

Spencer Embaló começou a frequentar o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, ainda criança, à procura de banda desenhada. Por influência da irmã, descobre os romances e mais tarde os grandes nomes da literatura. Confessa que os jornais desportivos também eram um chamariz para muito dos leitores, que trocavam entre si as edições de toda a semana.

Spencer Embaló, poeta, jornalista e ativista cultural, é uma das figuras mais dinâmicas na valorização da língua e cultura guineenses. Conhecido pelo seu compromisso com a promoção do crioulo como língua de identidade nacional e ferramenta de expressão literária, Spencer tem mantido, ao longo dos anos, uma relação intensa e frutuosa com o CCP em Bissau. O seu percurso cruzou-se com o do Centro em múltiplas ocasiões, mas há um episódio em particular que o marcou profundamente: o momento em que o então diretor do centro, Fábio Sousa, aceitou acolher o Encontro da Kriolofunia.

Spencer recorda com emoção a surpresa que sentiu quando, após anos de resistência institucional e desvalorização da língua crioula em certos círculos formais, o CCP — um espaço tradicionalmente associado à lusofonia — abriu as suas portas a um evento inteiramente dedicado à Kriolofunia. O Encontro, que pretendia celebrar e discutir o papel do crioulo na literatura, na música e na construção identitária guineense, parecia um projeto ousado demais para ser acolhido por uma instituição como o CCP. Mas, para surpresa de Spencer, Fábio Sousa não só aceitou a proposta com entusiasmo, como apoiou ativamente a sua realização, reconhecendo o valor cultural e simbólico do evento.

Esse gesto, para Spencer, foi mais do que uma decisão de agenda: foi um sinal de respeito e abertura, uma ponte entre culturas que historicamente se cruzam, mas que por vezes se mantêm distantes. O evento foi um sucesso, reunindo escritores, músicos, professores e jovens criadores num espaço de partilha e reflexão sobre a riqueza do crioulo como língua viva e criativa.

Desde então, Spencer passou a ver o CCP não apenas como uma extensão da cultura portuguesa, mas como um espaço possível de diálogo intercultural genuíno. A sua colaboração com o centro prolongou-se em outras atividades — tertúlias, lançamentos de livros, oficinas de escrita, uma iniciativa da Corubal —, sempre com a convicção de que a cultura guineense, nas suas múltiplas expressões, tem lugar e voz no CCP.

MIGUEL DE BARROS SOCIOLOGO
MEMÓRIA E URGÊNCIA DO FUTURO



Para o sociólogo Miguel de Barros, o percurso do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau acaba por refletir as diferentes visões dos dirigentes. Sem um programa contínuo de médio ou longo prazo, a vida cultural do Centro tem oscilado conforme a sensibilidade e vocação de cada diretor, bem como da relação com os embaixadores. A falta de uma política clara e articulada entre os Ministérios da Cultura e dos Negócios Estrangeiros pode resultar, segundo Barros, muitas vezes em programações meramente pontuais ou até mesmo desconectadas das dinâmicas culturais locais.

Mas há na história do CCP várias exceções, em que os diretores mostraram ter uma visão clara de qual é a missão do Centro. Exemplo disso foi Fábio Sousa, que conseguiu imprimir ao CCP um papel marcante e estruturante. Sob a sua liderança, foram criadas as oficinas de produção literária em parceria com a Corubal, que trouxeram à Guiné-Bissau nomes grandes da literatura como José Luís Peixoto, Afonso Cruz ou Alexandra Lucas Coelho. Foram quatro edições consecutivas com grande impacto que não tiveram, depois, seguimento. Outro dos projetos destacados por Miguel de Barros foi o lançamento, em 2016, da Agenda Cultural de Bissau, que envolvia várias entidades ligadas à cultura e que contou, no primeiro ano, com o apoio financeiro do CCP. A Agenda Cultural continua viva, não em versão impressa mas, desde a pandemia, em versão digital.

O CCP tornou-se, então, um verdadeiro motor cultural, abrindo-se à cidade e aos seus criadores, como no histórico lançamento da Antologia de Poesia, que fechou a Avenida Cidade de Lisboa, em plena luz do dia. Miguel Barros elogia a capacidade de Fábio Sousa em promover um verdadeiro encontro entre os vários centros culturais da cidade. *“Nessa altura, tivemos 3 diretores dos centros culturais que tinham uma visão daquilo que deve ser a ação destes centros. Tínhamos o Fábio Sousa no Centro Cultural Português, o André Oliveira no Centro Centro Cultural Brasil - Guiné-Bissau, (atual Instituto Guimarães Rosa) e Guillaume Thieriot no Centro Cultural Franco-Bissau-Guineense. Aí foi possível trabalhar de uma forma concertada e com resultados incríveis”*. É por isso que Miguel de Barros, ao apontar caminhos para o futuro, realça a necessidade de um trabalho concertado entre os vários agentes culturais, a criação de políticas para uma ação consistente e contínua e uma descentralização da ação do CCP, através de parcerias com as Casas de Ambiente e Cultura espalhadas pelo país. Este é, em seu entender, o rumo para que o CCP não seja um Centro isolado e se torne um verdadeiro agente de cocriação e intercâmbio, promovendo não só a cultura portuguesa, mas também valorizando as expressões culturais guineenses.

09.

COMPROMISSO COM A CULTURA SEMPRE



ANTÓNIO NUNES

ADIDO PARA A COOPERAÇÃO
E DIRETOR DO CCP
2018 - 2024

“Ninguém foge ao seu destino”.

A frase da cantora Lula Pena poderia ser o título desta breve história do ex-diretor do CCP em Bissau, António Nunes. Embora nunca tivesse estado fisicamente no país, a sua ligação com a Guiné-Bissau era já antiga, construída através da experiência com uma pequena empresa de importação e exportação que fundara juntamente com um sócio guineense. Foi essa vivência que lhe proporcionou um conhecimento profundo, ainda que à distância, da realidade da diáspora guineense em Portugal. Essa parceria empresarial, além de o ter feito crescer imensamente a nível pessoal e profissional, plantou em António um sentimento de dívida para com a Guiné-Bissau. Sentia que tinha recebido mais do que tinha dado e que, de alguma forma, precisava de retribuir. Não sabia exatamente como o faria, mas sabia que, quando surgisse a oportunidade, estaria pronto.

Durante a guerra de 1998 na Guiné-Bissau, já com alguma maturidade, António foi tocado de forma especial. Recorda-se de ir à estação de autocarros, no Campo Grande, onde



um senhor dava notícias da Guiné-Bissau a familiares e conhecidos: *“O senhor tal está bem...”, “Os seus parentes estão em tal sítio...”*. Momentos simples, mas carregados de humanidade, que reforçaram

essa ligação emocional ao país. Mais tarde, ao entrar na administração pública, foi-lhe dada a possibilidade de escolher entre diferentes organismos. Sem hesitação, escolheu o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD) com um objetivo muito claro: queria trabalhar com a Guiné-Bissau. Inicialmente, foi-lhe atribuída a responsabilidade por países como Timor-Leste, Moçambique e Angola, mas manteve sempre o foco no seu objetivo. E quando finalmente soube que iria para a Guiné-Bissau em comissão de serviço, aceitou sem reservas – mesmo sem tempo para se preparar adequadamente ou conhecer os projetos em curso.



António Nunes com Miguel de Barros, CCP 2018 (Arquivo CCP)

Um dos maiores entusiasmos de António foi a possibilidade de dirigir o CCP em Bissau. A perspetiva de trabalhar com livros, cultura e educação falava diretamente com uma faceta sua mais pessoal – o gosto amoroso mas genuíno por temas culturais. E desde o início, tinha plena consciência de que o seu papel ali não seria o de um agente transformador, mas sim o de um facilitador. Aceitou ser alguém que abria portas, criaria pontes e ouviria, mais do que impor. Num país rico em diversidade, mas com carências estruturais, Nunes viu a cultura como força vital a ser organizada, sistematizada, valorizada. Inspirou-se nos que vieram antes, trabalhou com quem acreditava e acompanhou de perto a transformação: legislação cultural, inventário do património imaterial, e o reconhecimento internacional de Bissau como Cidade Criativa da Música pela UNESCO, uma das grandes conquistas alcançadas em parceria com as instituições guineenses e com um aliado incontornável, João Cornélio, um dos grandes lutadores pela preservação e valorização da cultura guineense.

A sua jornada é um testemunho do poder da dedicação, da empatia e da ação concreta. Encontrou um terreno difícil, sim, mas fértil. Novos artistas sedentos de oportunidades, nomes consagrados à beira da subsistência, e um setor cultural a viver no fio da navalha. E se a

situação dos agentes culturais sempre foi de emergência social, em 2020 viria a agravar-se, levando o CCP a estender a mão a muitos artistas para que não se afundassem.

“A pandemia só veio expor o que já era frágil”, mas mesmo nos momentos mais duros, o CCP não recuou. António Nunes recorda os dias intensos em que o Centro, em plena pandemia, não parou. Pelo contrário – reinventou-se. Concertos virtuais com os Galandum Galundaina, músicos de jazz portugueses a tocar em pequenos logradouros, uma agenda cultural digital atualizada diariamente no Facebook com conteúdos da Culturgest, Gulbenkian, Centro Cultural de Belém. Era resistência cultural, sim, mas também um ato de cuidado – com a arte, com os artistas, com a ligação entre povos.

Na sua missão, outra frente ganhou forma: a preservação da memória. O Instituto Nacional de Cinema e Audiovisual (INCA) da Guiné-Bissau tinha as suas bobines antigas ainda intactas, em caixas seladas. Mas a infraestrutura cedia. *“Pusemos um telhado para preservar aquele património de valor incalculável”*, conta António. Foi uma intervenção discreta, mas fundamental. Os 10 mil euros do Fundo de Pequenos Projetos mais do que preservar um edifício foi uma forma de preservar uma memória nacional, que felizmente teima em sobreviver ao abandono.

A missão cultural na Guiné-Bissau foi sempre mais do que promover eventos. Era, acima de tudo, entender o que falta, o que falha, o que pode ser feito. O CCP atuava como ponte e facilitador, mas os seus meios eram limitados. A verdadeira transformação só podia vir através da cooperação – bilateral, delegada, triangular. Excelentes exemplos, em parceria com a União Europeia, são o projeto “Nturudu - Um Carnaval Sem Máscara”, que inclui um multipremiado documentário, um livro e



© Ser Mudança

uma exposição na antiga fábrica de óleo Fula, que colocou o Ilhéu do Rei no mapa, ou o mais recente “Nteregu”, um documentário que revela ao mundo de onde vem e para onde vai a música guineense. Outro marco a reter foi a criação do Ur-GENTE - Centro de Artes Cénicas Transdisciplinar de Bissau, com o apoio do PROCULTURA, programa financiado pela União Europeia, cofinanciado e gerido pelo Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. e também cofinanciado pela Fundação Calouste Gulbenkian. O PROCULTURA tem como objetivo a criação de emprego e o fortalecimento do setor cultural nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e em Timor-Leste.



Espaço Ur-GENTE © Jorge Dafa

A cultura guineense pulsa, resiste e cria. Cabe à cooperação saber escutar e responder — não com paternalismo, mas com compromisso real. Porque apoiar cultura não é um luxo: é uma estratégia de futuro. Porque no fundo, toda esta ação — dos concertos virtuais, passando pela criação de processos de cooperação cultural sustentáveis, que deixassem raízes e continuassem a crescer localmente, até às intervenções silenciosas na memória nacional — foi um ato de quem acredita que a cultura não é ornamento, mas fundação. Um país sem arquivo é um país sem espelho. E, enquanto não houver um espelho confiável, resta a memória de quem viu, de quem viveu, contar a história.



“Navegamos mundos nas palavras reinventando novas formas de poesia”

Catarina Müller é uma artista portuguesa com uma carreira multifacetada que abrange circo, teatro e pedagogia artística. Desde 2018 tem desenvolvido projetos culturais inovadores que têm deixado uma marca profunda na cena artística da Guiné-Bissau, onde tem promovido tanto a criação como a formação de novos talentos.

Em 2023, Catarina, desafiada por António Nunes e Paula Matos da Costa, encenou a peça “Escrevo-te, Lena”, um espetáculo baseado nas cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena, sua mulher. A estreia ocorreu na emblemática Fortaleza de São José da Amura, em Bissau, onde se localiza o mausoléu de Amílcar Cabral, e resultou de um trabalho colaborativo com jovens atores guineenses. Este projeto foi promovido pelo Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, numa parceria que envolveu, pelo lado guineense, o Estado Maior General das Forças Armadas, a Secretaria de Estado da Cultura e a Associação FormArte. A peça não só reviveu uma parte importante da história e identidade guineense como também envolveu diretamente a juventude local, incentivando o interesse pela arte e pelo teatro enquanto veículos de expressão cultural e memória coletiva. Depois disso, aceitou o desafio lançado pelo CCP para encenar “O Marinheiro”, de Fernando Pessoa. Uma peça que trabalha a conjugação de linguagens e faz repensar a dramaturgia portuguesa, mas Muller confessa que foi mostrada sem estar acabada.

Além da encenação, Catarina tem desempenhado um papel fundamental na formação artística em Bissau. Em 2022, dirigiu a peça “Falar Verdade a Mentir”, de Almeida Garrett, que foi o resultado de uma oficina de teatro realizada durante vários meses no CCP. Catarina assume que para ela o CCP é sobretudo sinónimo de desafio, uma oportunidade para sair da sua zona de conforto e pensar em novas formas de usar a língua portuguesa. Todo este trabalho já deu origem ao grupo Piscadur di Letras, que envolve atores, bailarinos do Bailado Nacional da Guiné-Bissau e músicos tradicionais guineenses.

Paralelamente, Catarina tem promovido Oficinas Criativas regulares que abordam teatro, música e dança, com o objetivo de oferecer às gerações mais jovens um espaço para desenvolvimento artístico e expressão cultural. Para Catarina, estas oficinas são uma oportunidade para estimular a criatividade, formar novos artistas e fortalecer a cena cultural local guineense. O seu trabalho na Guiné-Bissau é, assim, essencial para a valorização da cultura e para o estreitamento dos laços culturais entre Portugal e Guiné-Bissau, abrindo caminhos para um futuro artístico vibrante e colaborativo.

CATARINA FURTADO APRESENTADORA COMPROMISSO HUMANITÁRIO



Embaixadora da Boa Vontade do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA), desde 2000, Catarina Furtado tem uma relação profunda e continuada com a Guiné-Bissau, construída sobretudo através do seu trabalho na promoção dos direitos das mulheres e raparigas, na saúde sexual e reprodutiva, e no combate à violência de género.

Com várias viagens à Guiné-Bissau ao longo dos anos, visitou o país com “Príncipes do Nada”, programa que dirige e que conta histórias de técnicos e organizações não governamentais portuguesas a trabalhar em países com situações de crise humanitária. Mas foi o projeto “Dar Vida Sem Morrer” que se tornou um marco decisivo no seu percurso. Este projeto, que resultou numa série documental, focou-se na mortalidade materna e infantil na Guiné-Bissau, combinando a produção audiovisual com uma ação concreta de angariação de fundos. Catarina, em parceria com a Cooperação Portuguesa e o apoio do governo português, mobilizou recursos para melhorar as condições de saúde no país, reabilitação de centros de saúde, formação de parteiras e médicos, instalação de painéis solares e equipamentos essenciais. O impacto foi visível, atingindo várias regiões e promovendo melhorias reais na saúde da população.

Para Catarina, o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau desempenhou um papel crucial neste processo, fornecendo espaço e apoio para a divulgação dos projetos e facilitando a ligação entre as organizações locais e a comunidade internacional. Defende que o CCP não é só um centro de cultura, mas também um espaço inclusivo, aberto e fundamental para o fortalecimento dos direitos humanos e da língua portuguesa.

Além do trabalho na saúde, Catarina Furtado fundou a associação “Corações com Coroa”, que também atua em Bissau, promovendo a dignidade das mães e dos bebés, com projetos de apoio e reabilitação. Em 2017, o projeto “Tamo junto com a Guiné-Bissau, pela saúde de todas as mulheres, jovens e crianças” equipou uma nova ala de ginecologia-obstetrícia na maternidade do Hospital Nacional Simão Mendes, em Bissau. Com a ajuda de voluntários e empresas, foram equipadas nove enfermarias, com mais de 100 camas, marquesas, berços, equipamento médico e oferta de “Kits Dignidade”, com material de higiene para mães e bebés.

A saúde da mulher, a violência de género e as práticas nocivas, como a mutilação genital feminina, são os temas que mais a sensibilizam e marcam a sua atuação.

Para Catarina, a sua ligação à Guiné-Bissau é feita de um profundo carinho e um compromisso racional e emocional que continua a reforçar através do seu trabalho humanitário e cultural.

JERY BIDAN GUITARRISTA UM PALCO PARA SONHOS



Jery Bidan é um jovem guitarrista guineense que iniciou a sua carreira musical muito cedo, tendo começado a tocar aos 14 anos. Sem formação formal inicial, foi através da internet que desenvolveu os seus conhecimentos musicais, revelando-se um autodidacta notável. Aos 17 anos, já acompanhava artistas de renome da música moderna guineense, o que o tornou uma figura respeitada no meio artístico.

A sua ligação com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau remonta a esta fase inicial da carreira, quando começou a participar em concertos no espaço, acompanhando outros artistas. Contudo, o ponto alto desta relação dá-se em 2019, quando o CCP lhe proporcionou a oportunidade de realizar o seu primeiro concerto a solo — um espectáculo de despedida antes de partir para Portugal com uma bolsa de estudos do já referido projeto PROCULTURA.

A experiência com o CCP não se limitou a este concerto marcante. Em 2023, já licenciado em Música – Variante Jazz pela Escola Superior de Música de Lisboa, Jery regressou à Guiné-Bissau, para tocar num concerto de Eneida Marta, e organizou um workshop no CCP. A adesão foi grande, e o evento tornou-se mais uma prova do seu compromisso em retribuir à sua comunidade aquilo que aprendeu.

Jery considera o CCP um espaço fundamental para o desenvolvimento da cultura guineense, sobretudo para os jovens artistas que, como ele, necessitam de plataformas para mostrarem o seu trabalho. Sublinha também o papel acolhedor do centro e das suas equipas, destacando figuras como António Nunes, que sempre apoiaram os seus projetos sem hesitação.

Jery está prestes a gravar o seu primeiro disco instrumental e conta que o lançamento seja na Guiné, sítio onde sonha regressar e fundar uma escola de música para partilhar todo o conhecimento que adquiriu, ajudando a colmatar a falta de oportunidades de formação na área musical. O CCP, para ele, foi mais do que um palco: foi um ponto de partida, um lugar onde tudo começou — e onde, espera ele, muito ainda acontecerá.

Pedro Ramos, coreógrafo e criador com mais de duas décadas de experiência nas artes performativas, teve o seu primeiro contacto com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau graças a um convite da Companhia de Música Teatral para colaborar num projeto embrionário que viria a tornar-se o centro artístico Ur-GENTE. Confessa, o início foi modesto — com formações realizadas em espaços improvisados, como uma antiga discoteca —, mas o potencial artístico e humano que encontrou rapidamente solidificou o seu compromisso com a Guiné-Bissau. “A formação é algo que é vital para o progresso, é vital para a democracia, é vital para aquilo que acreditamos que deve ser o futuro”, frisa.

Na sua primeira deslocação à Guiné-Bissau, Pedro esperava apenas realizar uma formação, mas o entusiasmo dos participantes e a força das relações criadas levaram-no a criar uma peça coreográfica com artistas locais. Daí surgiram colaborações com nomes como Ernesto Nambara, do Grupo de Dança Contemporânea da Guiné-Bissau, e o início de um intercâmbio cultural com Portugal. Bailarinos guineenses participaram em residências artísticas em Palmela, com o apoio de instituições como o Teatro do Bando e o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. Pedro desenvolveu com os bailarinos a peça “Corpo de Mundo”, inspirada num texto de José Gil e Ana Godinho sobre crise ecológica e conexão com a natureza. A peça teve apresentações em formato *work in progress* tanto em Portugal como na Guiné-Bissau, com salas cheias e público emocionado. Também apresentou “Corpo Totémico”, solo ligado à sua investigação sobre a relação entre corpo e paisagem.

A Guiné-Bissau revelou-se para Pedro uma inspiração artística profunda. A ancestralidade viva, a força do gesto, a ligação à natureza e à espiritualidade tocaram-no de forma decisiva. Hoje, Pedro imagina um futuro de cooperação contínua, com a criação de novas peças e até um filme com cenas gravadas na Guiné-Bissau. Através da associação que dirige, a Ordem do Ó, promove formações e festivais em Portugal que celebram esta conexão com a Guiné-Bissau.

“Acho que Portugal tem muito a dar e pode dar. Ou seja, fala-se agora da questão de como é que nós ressignificamos a relação com as ex-colónias. Eu acho que o caminho é justamente darmos as mãos e cooperar juntos em projetos, em ideias”, sugere. Para Pedro, a Guiné-Bissau é um território de escuta, de transformação e de futuro partilhado. Acredita que o trabalho artístico pode ajudar a encontrar novos significados nas relações históricas e criar laços mais fortes e duradouros entre os povos — e Pedro está comprometido em continuar esse caminho através da dança.

A Associação Ser Mudança nasceu da convicção de que a arte é um instrumento de transformação social e de valorização cultural. A sua história começa em 2019, quando Maria Manuel Andrade, na altura a fazer voluntariado na Guiné-Bissau, foi desafiada pelo Adido para a Cooperação e também diretor do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, António Nunes, a criar uma equipa de voluntários que produzissem um livro sobre o Carnaval da Guiné-Bissau. Assim começou a aventura da Ser Mudança de contribuir para a divulgação e valorização da multiculturalidade guineense. O livro “Nturudu - Um Carnaval Sem Máscara”, assinado por Roger Mor e com fotografias de Arlindo Camacho, acabaria por fazer nascer um projeto bem maior com uma exposição de fotografias nas ruínas da fábrica de óleo de amendoim no Ilhéu do Rei e um multipremiado filme documental que revelou parte da riqueza cultural do país ao mundo. Este projeto, que tinha o apoio do Camões I.P. para a edição do livro, viria a chamar a atenção da União Europeia, que financiou a pós-produção do documentário. Este desafio lançado pelo CCP viria a abrir caminhos para novas colaborações com outras instituições guineenses na área da comunicação para o desenvolvimento, uma das missões da Ser Mudança. Após esse percurso de reconhecimento e afirmação, a Associação lançou, além das oficinas criativas para jovens, um novo projeto documental: “Nteregu, Uma História Para Cantar”. O filme, estreado em 2025, conquistou o Prémio do Público no FESTIn – Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa. Este galardão reflete não só a qualidade artística da obra, mas também a sua capacidade de tocar públicos diversos e de gerar uma identificação emocional imediata.



© Ser Mudança

Hoje, a Ser Mudança afirma-se como uma plataforma dinâmica, que une investigação, arte e intervenção comunitária. Os seus projetos unem criadores, as comunidades locais onde atua (Portugal, PALOP, Uganda) e parceiros internacionais, e têm revelado, graças à aplicação de ferramentas para a medição do impacto, que a cultura é uma poderosa ferramenta de mudança.

**JOSÉ BAPTISTA BORGES VELEZ
CAROÇO ASSUME O CARGO DE
EMBAIXADOR DE PORTUGAL
EM BISSAU.**

2020

2022

TENTATIVA DE GOLPE DE ESTADO.

2023

DISSOLUÇÃO DO PARLAMENTO
E NOVAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS.

**MIGUEL FILIPE DE SOUSA
BRANCO CRUZ SILVESTRE ASSUME
O CARGO DE EMBAIXADOR
DE PORTUGAL EM BISSAU.**

2024

NOVO EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA
MILITAR EM BISSAU.

2025

**PAULA MATOS DA COSTA ASSUME
AS FUNÇÕES DE ADIDA PARA A
COOPERAÇÃO NA EMBAIXADA DE
PORTUGAL EM BISSAU.**



10.

CCP: UM CORAÇÃO PULSANTE AO RITMO DE DUAS CULTURAS



© Sambe M. Balde

PAULA MATOS DA COSTA ADIDA PARA A COOPERAÇÃO 2025 - ...



Instalações CCP, 2025 © Sambe M. Balde

Há lugares que não são apenas edifícios – são encontros. O Centro Cultural Português (CCP) em Bissau é um desses espaços. Muito mais do que uma estrutura física, tornou-se, ao longo dos anos, um elo vivo entre Portugal e a Guiné-Bissau, entre a tradição e o futuro, entre o formal e o afetivo. Para Paula Matos da Costa, atual adida para a cooperação e conhecedora da realidade guineense, o CCP é, sem qualquer hesitação, *“uma instituição já histórica de extrema importância neste território.”*

Depois de uma primeira missão entre 2018 e 2023, como assessora para a cooperação responsável pelas áreas de educação e cultura, Paula Matos da



2018 © Maria Manuel Andrade



Instalações CCP, 2025 ©Sambe M. Baldé

Costa regressou à Guiné-Bissau em janeiro de 2025, com a clareza de quem compreende a verdadeira essência do trabalho cultural: proximidade, escuta, adaptação e visão. O CCP tem sido, para ela, uma plataforma que acolhe desde os mais jovens à sociedade civil, passando por instituições e artistas. Um espaço de partilha, de cidadania e de sonho.

“O Centro é, acima de tudo, um lugar do quotidiano guineense. É ali que os miúdos acedem à Internet, que os estudantes preparam os seus exames, que associações de bairro encontram espaço para se reunir. Nós não cobramos nada pelo empréstimo da sala”, sublinha Paula, o que reforça a ideia de um Centro verdadeiramente público, que garante o acesso à cultura e ao conhecimento. Recentemente, o CCP recebeu as crianças do Centro de Acolhimento Bambaram, muitas delas raramente saem de casa. Num espaço visto como *“formal”*, estas crianças viveram momentos de encantamento. Participaram numa atividade de dramatização de contos no âmbito das celebrações do 5 de maio, dia da Língua Portuguesa. *“Estavam felizes a viver cultura de forma digna. É essa magia – que mistura simplicidade com profundidade”* – que Paula acredita ser essencial ao CCP.

O futuro também se constrói com os pequenos passos. No 1 de junho, Dia da Criança, o CCP voltou a ser palco de uma iniciativa inclusiva, reunindo crianças com deficiência e mostrando que todas têm direito ao riso, ao movimento, ao afeto. *“A música entra em todos nós”,* diz Paula, por isso a celebração do Dia da Criança foi marcada por uma aula de dança inclusiva. *“Ver as crianças, mesmo em cadeira de rodas, vibrarem com a música são momentos que reforçam a minha convicção: vale a pena!”*

A aposta em conteúdos culturais adequados à realidade local também é estratégica. A atual adida para a cooperação antevê com entusiasmo a sua ideia de promover sessões regulares de cinema e desenhos animados, em vários pontos do país. A chave para o sucesso do CCP é o reconhecimento da cultura guineense como base para

despertar o interesse. A identidade é o ponto de partida para formar um público capaz de acolher também a cultura portuguesa. “*Tu constróis um público também através dessa identidade*”, afirma.



Biblioteca CCP, 2025 ©Sambe M. Baldé

Num país sem biblioteca pública, o CCP é ainda hoje o primeiro contacto de muitos guineenses com um livro. “*É uma marca*”, diz Paula com orgulho, mas também com sentido crítico: “*é preciso mais.*” A digitalização da biblioteca, o acesso a bases de dados, a reorganização do espaço e a modernização das infraestruturas são urgências reconhecidas. “*O Centro não pode ser só um depósito de livros*”, alerta. Entre os momentos marcantes vividos nesta nova fase, destaca as Jornadas Académicas de Língua Portuguesa – que recentemente juntaram o CCP, a Faculdade de Direito de Bissau e a Escola Superior de Educação - Unidade Tchico Té – e demonstram a capacidade do CCP de mobilizar instituições e criar momentos inéditos de cooperação.

Segundo a adida para a cooperação, as parcerias são chave, e refere como exemplos a nova leitora, Sofia Santos, com projetos como o Clube dos Jovens Leitores ou o ator Welket Bungué, curador da área do cinema na 1.ª Bienal de Arte e Cultura da Guiné-Bissau (MoAC Biss). A este propósito, Paula Matos da Costa destaca as obras de melhoramento no Espaço Camões, uma extensão do CCP ao ar livre, que acolhe cada vez mais eventos e como refere “*é sinal de um CCP cada vez mais aberto a todos na Guiné-Bissau*”.

Quando questionada sobre o evento cultural que mais a marcou aponta de imediato o concerto mágico protagonizado por Nino Galissa e Ana Maria Pinto, convidada pelo Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. para uma viagem à Guiné-Bissau.



MoAC Biss no Espaço Camões, 2025 ©Sambe M. Baldé

Uma das grandes preocupações de Paula Matos da Costa prende-se com o compromisso com a preservação da memória: apoiar o INEP, valorizar o mural de Augusto Trigo, dar nova vida ao passado para construir o futuro. “*Sem arquivo, não há memória*,” resume. E sem memória, não há identidade, um pensamento que esteve na origem deste livro comemorativo do CCP, e que agora abre caminho para novos trabalhos mais profundos sobre a história e as histórias que fizeram do CCP um peça chave na edificação de uma ponte que uniu duas culturas inseparáveis.

Paula Matos da Costa defende, o que move quem lidera este projeto não é só o dever, mas o que se sente ao ver o sorriso de uma criança, a emoção de um estudante, o orgulho de um artista. O CCP é, portanto, muito mais do que um centro cultural, é um coração que pulsa no centro de Bissau, ao ritmo de duas culturas, onde se cruzam sonhos, onde se constrói cidadania, onde Portugal e Guiné-Bissau podem dar as mãos — literalmente.

O concerto protagonizado por Nino Galissa e Ana Maria Pinto, a 13 de março de 2018 no Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, foi um momento de magia e conexão artística que transcendeu ensaios ou preparações extensas. O encontro nasceu de uma sugestão de António Nunes, diretor do CCP, que intuiu o potencial criativo entre os dois artistas. Quando se conheceram, Nino trouxe a sua kora e, num instante, nasceu a música: improvisada, intensa, verdadeira. *“A Ana improvisou letras belíssimas, e ainda nessa tarde já falávamos de fazer algo juntos”*, recorda Nino. O concerto daquela noite surpreendeu o público com a sua entrega emocional e energia contagiante.

Ana Maria Pinto, convidada pelo Camões para uma viagem à Guiné-Bissau, descreve essa experiência como inesquecível. Em apenas sete dias, mergulhou no universo musical guineense, onde o encontro com Nino Galissa se tornou um ponto alto. Ensaíram durante apenas duas horas, mas a sintonia foi imediata. Ana também colaborou com os Super Camarimba, num concerto vibrante, marcado pelo envolvimento da comunidade, em Tabatô, conhecida como *“a aldeia dos músicos”* – onde todos os habitantes nascem e crescem imersos na tradição musical e poética dos *griots* Mandinga. *“Ver a aldeia dançar conosco e ouvir a voz ancestral de uma idosa no final foi transformador”*, partilha Ana. Inspirada por estas experiências, Ana criou o projeto “Classic Meets Africa”, que funde orquestra clássica com danças e percussão africanas. Acredita que a música tradicional africana, profundamente intuitiva, oferece ensinamentos valiosos sobre criatividade e ligação ao corpo – elementos ainda pouco explorados no ensino musical europeu. Tanto Ana como Nino reconhecem o CCP como uma plataforma de intercâmbio cultural. Para Nino, o Centro é uma segunda casa, onde cresceu artística e socialmente. Para Ana, é um guardião de memória e um farol de inteligência cultural. O concerto que partilharam foi mais do que um espetáculo: foi um encontro entre mundos, onde a arte revelou o seu poder de unir.

A relação entre Nelinho e o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau remonta a 2004 e é marcada por um forte compromisso com a promoção da língua portuguesa e o desenvolvimento artístico e cultural da juventude guineense. Na altura, recém-saído do ensino secundário e frequentador assíduo da biblioteca do CCP, Nelinho integrou-se como voluntário em vários projetos para ocupar o tempo.

Foi nesse contexto que, no âmbito de uma das celebrações do Dia da Língua Portuguesa, surgiu a ideia de criar um grupo de teatro. Assim nasceu o Teatro Experimental de Bissau (TEB), com o apoio do CCP e dos professores portugueses envolvidos no projeto educativo. A primeira coordenadora do grupo foi Tânia Sá, e a primeira peça encenada, “O Soldado Chamado João”, marcou o início de uma jornada artística que uniria, desde o princípio, teatro e pedagogia.

Durante quase uma década, o TEB teve no CCP o seu principal espaço de ensaio e atuação. Mesmo depois de 2013, quando o grupo passou a ensaiar em escolas por conta própria, a ligação com o CCP manteve-se viva: sempre que necessário, o centro disponibilizava o seu espaço e apoio logístico para as apresentações. Desde os diretores anteriores, como António Nunes, até à atual adida, Paula Matos



TEB - Teatro Experimental de Bissau (Arquivo CCP)

da Costa, a colaboração tem sido contínua e valiosa. O TEB desenvolveu diversas peças com enfoque na vivência escolar, na leitura e na valorização da língua portuguesa, como “Sonho de Véspera de Exame” e “Casamento Falhado”. Estas produções abordavam questões como o medo das provas, as dificuldades na matemática e o uso correto da pontuação, sempre com um cunho educativo. Além disso, o grupo dava formação básica em artes cénicas, incentivando a criação de novos grupos teatrais nas escolas.

Hoje, com sede no Bairro de Empantcha, o TEB transformou-se num modelo de ensino informal, recebendo cerca de 100 crianças por dia e integrando o teatro como ferramenta pedagógica no ensino do português. Através do financiamento do projeto PROCULTURA, a iniciativa ganhou fôlego e continua a cumprir o seu propósito: tornar a língua portuguesa mais acessível e viva, especialmente para as crianças. Para Nelinho, o CCP tem sido, desde sempre, um parceiro fundamental nesse caminho de cultura, educação e cidadania.



© Samba M. Paké

João Cornélio iniciou em 1983 a sua relação com o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau ao frequentar um curso sobre a História da Literatura Portuguesa. Foi ali que teve o primeiro contacto com autores como Camilo Castelo Branco, Antero de Quental e Fernando Pessoa — figuras que marcaram o seu percurso e despertaram o seu gosto pela literatura e cultura. O curso revelou-se uma porta de entrada para uma vivência mais intensa no CCP. Cornélio passou a frequentar regularmente o espaço, participando em exposições, conferências, concertos e debates. Numa Guiné-Bissau com escassas infraestruturas culturais, o CCP tornou-se, segundo ele, “*um dos motores do desenvolvimento da cultura*”. Foi um local de encontro, partilha e resistência cultural.

Mais tarde, como Diretor-Geral da Cultura, a ligação intensificou-se. Com os diretores do CCP, Fábio Sousa e, sobretudo, António Nunes, surgiram colaborações significativas. Destaca-se o apoio do CCP à candidatura de Bissau à Rede das Cidades Criativas da Música da UNESCO. Graças ao empenho de António Nunes, à consultora Celeste Afonso e ao financiamento da Cooperação Portuguesa, foi possível receber a equipa técnica e concluir o processo. O CCP foi o centro desta iniciativa, culminando no lançamento oficial da candidatura. Desde 2023, Bissau integra a Rede de Cidades Criativas da UNESCO, na categoria de música.

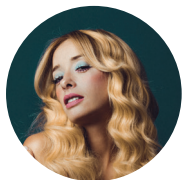
Outro momento relevante foi a reativação da Escola de Música José Carlos Schwarz. Após um protocolo com o Conservatório de Música do Bomfim, de Braga, chegaram duas professoras a Bissau. Sem instalações próprias, Cornélio contou com o apoio do CCP, que cedeu duas salas para o arranque das atividades. A escola reabriu com 40 alunos, assinando um novo capítulo na formação musical do país.

A colaboração com a Ser Mudança — Associação para o Desenvolvimento Humano também ilustra o impacto do CCP. A associação realizou dois documentários multipremiados, que ajudam a preservar e divulgar a memória cultural guineense a nível mundial.

Atualmente, Cornélio e Paula Matos da Costa trabalham para reabilitar o edifício do Instituto Nacional de Cinema (INCA) e a Escola Nacional da Música — dois sonhos que esperam concretizar com o apoio contínuo do CCP.

Em 2025, a 27 de maio, Dia Nacional da Música na Guiné-Bissau, foi prestada uma homenagem à Orquestra Super Mama Djombo. Nessa ocasião, revelou-se que os 10 mil discos da banda, dados como desaparecidos há anos, foram recuperados com a ajuda da Cooperação Portuguesa.

Para João Cornélio, o CCP é mais do que um edifício: representa uma casa, uma missão e um espaço de memória viva. Acredita que merece crescer ainda mais, à altura da riqueza multicultural da Guiné-Bissau.



A relação de Marisa com a Guiné-Bissau é antiga e profunda, marcada por ligações emocionais e musicais que remontam à adolescência. Ainda jovem, com apenas 15 anos, gravou uma versão da canção “Sufridur Ta Padi Fidalgo” de Dulce Neves, e desde então cultivou um carinho pela música guineense.

Décadas depois, esse elo ganhou vida quando recebeu um convite emocionante da cantora Eneida Marta para cantar num concerto em Bissau, numa iniciativa apoiada pela Embaixada de Portugal.

Essa primeira viagem foi reveladora. Marisa descreve o breve tempo passado na Guiné-Bissau como uma imersão intensa numa realidade que a tocou profundamente, deixando um desejo forte de regressar para conhecer mais. Nessa curta estadia, não apenas reencontrou a canção da juventude, mas também descobriu músicos locais como Jery Bidan — com quem hoje colabora em Lisboa — e Nino Galissa, envolvido num projeto notável de preservação dos instrumentos tradicionais guineenses, também com o apoio da Embaixada de Portugal e do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau.

Embora não tenha visitado o CCP na sua estadia, Marisa reconheceu posteriormente a importância vital da instituição no panorama cultural guineense. Considera que espaços como o CCP são essenciais, não apenas para a promoção da arte, mas como forma de resistência, identidade e dignidade de um povo. Para ela, retirar a cultura de um país como a Guiné-Bissau seria como roubar-lhe a alma. Com uma sensibilidade artística ímpar, Marisa defende a arte como necessidade básica. Música, pintura, teatro ou cinema não são luxos — são ferramentas de expressão, compreensão e união entre povos. E foi isso que sentiu na Guiné-Bissau: um povo resiliente, acolhedor, que resiste com um sorriso. Através da música, ela partilhou um pouco de si e recebeu muito mais em troca. Marisa deseja voltar à Guiné-Bissau não apenas para apresentar a sua arte, mas para criar música em conjunto com os artistas locais. Nesse encontro de vozes e culturas, a sua música deixaria de ser só sua para se tornar, como ela diz, “a nossa música”. E é nesse espírito de partilha que a arte se torna ponte.



A relação entre Welket Bungué e o Centro Cultural Português (CCP) em Bissau tem sido marcada por uma troca contínua e sensível, enraizada em experiências de criação e partilha cultural. O primeiro contacto deu-se em 2019, durante a Semana da Kriolofunia, quando Welket foi convidado por António Spencer Embaló, em parceria com o CCP, para dinamizar um workshop de cinema com dispositivos móveis. Ao longo de três dias intensos, partilhou ferramentas e práticas com participantes locais, culminando numa apresentação de imagens e vídeos produzidos durante as sessões. Paralelamente, a sua companheira, a fotógrafa Kristin Bethge, orientou um workshop básico de fotografia, resultando numa pequena exposição. Este momento marcou o início de uma relação com o CCP vivida com entusiasmo e abertura.

Com o decorrer dos anos, o diálogo com o CCP manteve-se constante. Welket destaca a recente colaboração, no âmbito da 1.ª Mostra de Arte e Cultura da Guiné-Bissau (Bienal MoAC Biss), com Paula Matos da Costa, Sandra Silva e Carla Pinto, figuras que ajudaram a viabilizar várias ideias e propostas, mesmo quando os desafios logísticos dificultavam a concretização de algumas delas. A disponibilidade e a sensibilidade com que essas interlocuções aconteceram, assume, reforçaram a confiança mútua.

“Graças à Bienal, apoiada pela Cooperação Portuguesa, essa relação ganhou nova força”, diz Welket, curador das Artes Performativas e da Imagem em Movimento, que esteve envolvido na programação e planeamento de atividades no Espaço Camões do CCP, espaço ao ar livre que ele considera de grande potencial, e que deve continuar a ser aproveitado. Para ele, a programação cultural no Espaço Camões deveria ser mais regular, com sessões de cinema mensais, acompanhadas de conversas com realizadores ou especialistas, fomentando o pensamento crítico e o envolvimento do público.

A colaboração na Bienal revelou um compromisso genuíno do CCP com a arte e os artistas. Houve um cuidado em garantir as melhores condições possíveis para exibir obras num ambiente respeitoso, sensível e acessível. A relação de Welket com o CCP transcende a lógica do convite pontual: é uma parceria que se constrói na escuta, na co-criação e no desejo comum de servir a comunidade artística e o público com dignidade e profundidade. Assim, a Bienal serviu não só como palco para a arte, mas como catalisador de um diálogo contínuo entre criadores e instituições culturais.

EPÍLOGO

“Cada ponto neste livro é uma vida, uma história, uma expressão de identidade. Cada um traça uma linha invisível no tecido cultural que nos une, mesmo quando parecemos dispersos, mesmo quando as distâncias geográficas ou sociais nos fazem esquecer que, no fundo, fazemos parte do mesmo desenho.

O mundo da cultura é assim: feito de pequenas centelhas que, quando reconhecidas, escutadas e apoiadas, se tornam faróis. São essas luzes que queremos manter acesas — não por nostalgia, mas por convicção. Porque cada gesto artístico, cada expressão criativa, é uma afirmação de presença, de resistência, de sonho.

Assumo esta etapa da missão com profunda consciência da responsabilidade que carrego. O Centro Cultural Português (CCP) tem sido, há décadas, um espaço de diálogo, de memória e de co-criação. Os que vieram antes de mim deixaram um legado firme, generoso e inspirador. A minha missão agora é, mais do que dar continuidade, ligar cada vez mais pontos, ouvir novas vozes e criar pontes onde antes havia silêncios.

Acredito que a cultura é o que nos salva, o que nos aproxima, o que nos permite ver o outro com olhos menos apressados. Acredito que ela será sempre o lugar onde podemos reconstruir a esperança, mesmo nos tempos mais incertos. Neste mundo gigante, cheio de ritmos, cores e línguas, cada ponto conta. E quando se unem, os pontos contam uma história maior — a nossa. Luto por um futuro CCP com raízes mais fundas e ramos mais largos, um Centro Cultural que não se limite às fronteiras físicas de Bissau, mas que respire em todo o território da Guiné-Bissau — das ilhas ao interior, dos centros urbanos às tabancas mais remotas. Nesse dia, quando cada ponto da Guiné-Bissau sentir que também é parte viva deste Centro Cultural, saberei que a missão está a ser cumprida. E talvez — só talvez — possamos dizer, com um sorriso partilhado: ligámos os pontos entre culturas.”

Paula Matos da Costa
Adida para a Cooperação
Centro Cultural Português

FICHA TÉCNICA

TÍTULO:

Ponte Entre Culturas: Memórias e Futuro do CCP na Guiné-Bissau

CONTEÚDOS:

Roger Mor

PRODUÇÃO:

Maria Manuel Andrade

CAPA, DESIGN E PAGINAÇÃO:

Sofia Cal

IMPRESSÃO:

Guide Artes Gráficas

DEPÓSITO LEGAL:

549702/25

Julho de 2025

UMA INICIATIVA:

**EMBAIXADA
DE PORTUGAL
EM BISSAU**

PRODUÇÃO:

As opiniões expressas e reproduzidas neste livro são da exclusiva responsabilidade dos seus autores e intervenientes, não refletindo, em caso algum, posições oficiais ou institucionais do autor da obra, do Centro Cultural Português (CCP) em Bissau, da Embaixada de Portugal em Bissau, ou do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.